Estádio do Pacaembu

Modernidade e Obsolescência (1921-1970)

Ricardo Ramos Assumpção

Dissertação apresentada à Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade de
São Paulo para a obtenção do título de Mestre
em Arquitetura e Urbanismo.

Área de concentração: História e Fundamentos
da Arquitetura e do Urbanismo

Orientador: Prof. Dr. Renato Cymbalista

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Assumpção, Ricardo Ramos

Estádio do Pacaembu – Modernidade e Obsolescência
(1921-1970) / Ricardo Ramos Assumpção; orientador
Renato Cymbalista. – São Paulo, 2019.
110p.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura
e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de
concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do
Urbanismo.

1. História Urbana. 2. Esporte. 3. Pacaembu. I.
Cymbalista, Renato, orient. II. Título.

ASSUMPÇÃO, Ricardo Ramos. Estádio do Pacaembu – Modernidade e Obsolescência (1921-1970). 110p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Agradecimentos

Esta dissertação é o resultado de um caminho que comecei a trilhar em 2014 e no qual tive a felicidade de contar com o auxílio inestimável de algumas pessoas.

Agradeço ao meu orientador, Renato Cymbalista, que me recebeu como um aluno ouvinte em uma de suas disciplinas e percebendo meu entusiasmo com a ideia de realizar uma pesquisa acadêmica me orientou desde o início. Considero um privilégio ter convivido com ele os últimos anos, nos quais aprendi muito e pude realizar diversas atividades das quais muito me orgulho.

Ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo pela oportunidade de desenvolvimento de pesquisa.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa concedida para a realização da pesquisa.

Às professoras Dra. Fernanda Arêas Peixoto e Dr. Ana Cláudia Castro pelas valiosas contribuições na banca de qualificação.

Aos amigos que estiveram presentes durante essa trajetória: Rodrigo Millan que também me auxiliou desde o início com o projeto de pesquisa e com quem sempre tive conversas agradáveis e produtivas; João Kuhn que já havia trilhado o mesmo percurso e me auxiliou compartilhando sua experiência; Luiza Guerino, grande amiga com quem sei que posso contar em qualquer lugar do mundo que esteja;

Aos amigos da graduação que acompanharam os primeiros passos dessa trajetória: Caio, Gabriel, Gustavo, Lucas, Luiza, João, Rodrigo e Victor.

À minha mãe, Izaura, e meu irmão, Fernando, que estiveram sempre ao meu lado e me apoiaram na conquista deste objetivo.

Ao meu pai, Luiz Fernando, que me levou pela primei-

ra vez a um estádio de futebol dando início a uma paixão que compartilhávamos.

Esta pesquisa proporcionou diversas experiências enriquecedoras que ajudaram a construir o caminho que pretendo continuar seguindo. Em 2018 tive a oportunidade de apresentar minha pesquisa no III Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol e no Congresso da Sociedade Internacional de História da Educação Física e Esporte, o que me estimulou ainda mais a continuar essa jornada.

Por fim, mas jamais menos importante, quero agradecer à querida Renata Pante. Ela sabe exatamente o quanto gosto de falar, mas não há palavras suficientes para expressar toda a gratidão que sinto. Muito obrigado. Por tudo.

“O seu, o meu, o nosso Pacaembu...”

Édson Sorriso, locutor oficial do Estádio do Pacaembu em todas as
partidas desde 2010.

Resumo

ASSUMPÇÃO, Ricardo Ramos. Estádio do Pacaembu – Modernidade e Obsolescência (1921-1970). 110p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Esta dissertação é um estudo sobre a história do Estádio Municipal de São Paulo, o Pacaembu, entre sua inauguração em 1940 e 1970. Parte de um programa de política pública de construção de equipamentos esportivos na cidade, o Pacaembu foi inaugurado em 27 de abril de 1940 como uma das principais maravilhas urbanas da metrópole em formação. Visto como um símbolo da modernidade alcançada por São Paulo, o Estádio Municipal tornou-se o principal palco do futebol paulista após sua inauguração, recebendo milhares de espectadores e exercendo um papel determinante na popularização do futebol como um esporte de massas. No entanto, já a partir da década de 1950 surge na imprensa local o discurso desqualificador do Pacaembu, colocando-o como ultrapassado e incapaz de atender as necessidades da cidade. A partir da análise da história do Estádio do Pacaembu, esta pesquisa busca compreender os interesses por trás da construção do maior equipamento esportivo da América Latina em sua época e os processos envolvidos na mudança tão brusca de sua percepção como moderno para obsoleto.

Palavras-chave: Pacaembu, Estádio, Futebol, História de São Paulo

Abstract

ASSUMPÇÃO, Ricardo Ramos. Pacaembu Stadium - Modernity and Obsolescence (1921-1970). 110p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

This dissertation is a study on the history of the Municipal Stadium of São Paulo, the Pacaembu, between its opening in 1940 and 1970. As part of a public policy that aimed at the construction of sporting complexes in the city, the Pacaembu was inaugurated on April 27th of 1940 as one of the main urban wonders of the growing metropolis. Seen as a symbol of the modernity achieved by São Paulo, the Municipal Stadium became the most important venue for the paulista football, accommodating thousands of spectators and playing a major role in the popularization of football as a mass sport. However, during the 1950s the local press starts disqualify the Pacaembu as obsolete and unable to support the needs of the city. Through the analysis of the history of the Pacaembu Stadium, this research seeks to understand the interests involved in the construction of the greatest sporting complex in Latin America at its time and the processes involving this sudden change of public perception, from modern to obsolete.

Key words: Pacaembu, Stadium, Football, History of São Paulo

Sumário

Introdução.....	pág. 17
1. Construção.....	pág. 23
2. Modernidade.....	pág. 51
3. Obsolescência.....	pág. 85
Considerações finais.....	pág. 103
Referências.....	pág. 105

Introdução

Índice de um progresso que se acelera, testemunho de uma compreensão mais larga das nossas necessidades, estímulo dos mais enérgicos para os rumos inaugurais por que se lança a nação, prova palpável dos resultados, remotos, mas transcendentais de que cogita a presente administração, - o Estádio Municipal de São Paulo, em troca do muito que custou aos nossos cofres, devolverá ao Brasil, física e moralmente superiores, as gerações de moços e moças que nele cultivarem as suas qualidades, saudável patrimônio, esse, sem o qual não há grande país nem grande povo!¹

As elogiosas palavras publicadas pelo jornal *O Estado de S. Paulo* no dia seguinte à cerimônia inaugural do Estádio Municipal em abril de 1940 expressam a importância da nova praça de esportes para a cidade. Ao lado de outras obras municipais construídas e inauguradas no mesmo período, como o Túnel de Avenida 9 de Julho, a Biblioteca Municipal e a Ponte das Bandeiras, o Estádio do Pacaembu simbolizava em sua arquitetura e dimensões monumentais a modernidade alcançada pela capital paulista. A modernidade não se restringia apenas à estrutura física do estádio, mas também à sua própria finalidade social. Naquele grandioso espaço esportivo seriam moldadas as novas gerações de cidadãos saudáveis e produtivos responsáveis pela São Paulo e pelo Brasil do futuro.

É impossível não estranhar, portanto, que menos de duas décadas após sua inauguração como um emblema da modernidade o Pacaembu tenha passado a ser visto pela opinião pública como obsoleto e incapaz de suprir as demandas da cidade. Essa mudança de percepção pode ser atribuída a um conjunto de fatores, entre eles a construção do Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro em 1950. Inaugurado exatamente uma década

1 O Estado de S. Paulo, 28 de abril de 1940, p.7

após o Pacaembu, o Maracanã com dimensões consideravelmente superiores e estrutura de concreto aparente tornara-se o novo símbolo de modernidade. São Paulo busca trilhar esse caminho ao inaugurar, em seu quarto centenário em 1954, o Parque do Ibirapuera, projetado por Oscar Niemeyer seguindo os ordenamentos da arquitetura e do urbanismo modernistas. Ainda que, como aponta Maria Arminda Nascimento Arruda, o urbanismo em São Paulo tenha se caracterizado por uma paisagem mais fragmentada e descontínua e o Ibirapuera tenha se tornado mais um “enclave modernista no meio da cidade industrial”², revela-se aqui uma aspiração burguesa modernista para a cidade. Nesse mesmo momento o empreendimento do São Paulo Futebol Clube para construir um novo estádio no bairro do Morumbi começa a ganhar cada vez mais força e apoio da opinião pública. Aqui houve também a preferência clara pela arquitetura moderna com a escolha do projeto de João Batista Vilanova Artigas. A linguagem arquitetônica do Pacaembu, mais próxima ao Art Deco, ficara na década de 1940.

A partir da análise da história do Estádio do Pacaembu, essa dissertação busca compreender os interesses por trás da construção do maior equipamento esportivo da América Latina em sua época e os processos envolvidos nessa mudança tão brusca de sua percepção como moderno para obsoleto. Faz isso sem a intenção de reforçar ou endossar a imagem do Pacaembu como obsoleto ou subutilizado. Busca identificar os motivos e componentes que se relacionam com a desqualificação de espaços públicos em geral por partes da elite e da imprensa da cidade a partir da década de 1950.

A pesquisa partiu da ideia que o Estádio do Pacaembu é um espaço a partir do qual é possível ler a sociedade, a cidade e suas transformações. Nesse sentido, a dissertação se aproxima de um conjunto de trabalhos que investigam a relação entre a arquitetura e a cidade do particular para o geral. Fernando Atique, em seu trabalho a respeito do Edifício Esther, aponta para a realização de “estudos sobre prédios emblemáticos que desempenharam papel capital nas transformações das cidades, bem como nas relações culturais e interpessoais de seus usuários”³ como

2 ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e cultura: São Paulo no meio do século XX*. Bauru: Edusc, 2001, p.103

3 ATIQUE, Fernando. *Memória de um projeto moderno: a idealização e a trajetória do Edifício Esther*. São Carlos, Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2002, p.2.

caminho para uma melhor conscientização sobre a cidade e seus espaços construídos. Maria Cecília Naclério Homem, ao estudar a história do Edifício Martinelli, também ressalta a importância do prédio como um documento arquitetônico da transição da cidade baixa de tijolos para a cidade dos arranha-céus. O Martinelli “criou impacto graças à nova paisagem que compôs para a capital. Tornou-se o ponto de referência e identificação da mesma”⁴. Em ambos, assim como nesta dissertação, busca-se compreender a história e as transformações da cidade a partir de uma de suas partes.

Recuperar a memória do Estádio do Pacaembu, compreendendo o seu significado para a cidade no momento de sua construção e os processos envolvidos em sua substituição pelo Morumbi como grande palco do futebol paulista relaciona-se com o estudo da história do próprio urbanismo de São Paulo. Sua implantação em um vale, dialogando com o bairro que se formava ao redor como um elemento valorizador da região, demonstra que desde o início aquele espaço se relacionava intimamente com os rumos da cidade. O estudo de sua trajetória não apenas busca ambientá-lo dentro da cidade como um elemento significativo de sua história, mas também demonstra que as concepções do que era considerado moderno em São Paulo alteraram-se rapidamente e de forma radical entre as décadas de 1930 e 1960.

A narrativa apresentada aqui revela também a história da predominância do futebol profissional como grande esporte de massas nos ambientes urbanos. Apesar de contar com ginásios, quadras de tênis e basquete, piscinas e pistas de atletismo destinadas a todas as modalidades esportivas, sobretudo as amadoras vistas como mais puras e desinteressadas no lucro e nas glórias, o Pacaembu consolidou-se como palco para as partidas de futebol profissional que levaram multidões às suas arquibancadas.

Importantes figuras da política paulista atuaram também como dirigentes de clubes ou federações ou mantiveram contato direto com seus interesses. A política do futebol é mais central e relevante do que muitas vezes se imagina e isso se reflete na cidade. O futebol teve um grande papel estruturador no urbanismo de São Paulo durante o século XX.

O recorte temporal da dissertação foi definido entre o perí-

4 HOMEM, Maria Cecília Naclério. O prédio Martinelli: a ascensão do imigrante e a verticalização de São Paulo. São Paulo, Projeto, 1984, p.15

odo da construção e inauguração do Estádio Municipal do Pacaembu e a inauguração completa do Estádio do Morumbi em 1970. No Capítulo 1 é apresentado o contexto da construção do Estádio Municipal sobretudo por meio dos agentes públicos e privados envolvidos nesse processo que se inicia ainda na década de 1920 com a doação por parte da Companhia City de um terreno no Pacaembu para o governo do estado. Aqui os trabalhos de Cristina Peixoto-Mehrtens⁵ e Silvia Ferreira Santos Wolff⁶ permitiram melhor compreensão a respeito das práticas de negócios da Companhia City e sua relação com o poder público, além de fornecerem os dados históricos sobre a urbanização do bairro. Também se destacam os relatos de Paulo Duarte⁷, idealizador do Departamento de Cultura ao lado de Mario de Andrade e que justamente por isso esteve envolvido nas negociações de cessão do terreno do governo do estado para a municipalidade, além do próprio projeto do qual o estádio fazia parte.

No Capítulo 2 é abordado o período considerado como auge do Pacaembu, com destaque para a cerimônia inaugural que mais do que apenas um evento esportivo, configurou-se em uma celebração cívica nacional reunindo representantes das diversas esferas do poder público. A cerimônia em si, conduzida sob expressas ordens reguladoras, pode ser lida como um retrato da política disciplinadora almejada pelo Estado Novo na construção de um novo ideal para a nacionalidade brasileira. Para essa análise foi preciso apresentar essas concepções gestadas no Estado Novo e expressas em grande parte na Revista Cultura Política que foi amplamente utilizada como fonte para problematizar esse debate. Ainda sobre a cerimônia inaugural, os discursos realizados pelo prefeito Prestes Maia e pelo presidente Getúlio Vargas e a repercussão do evento na imprensa também são reveladores de como aquele espaço era lido pela sociedade. Em seguida buscou-se apresentar como o Pacaembu foi utilizado em suas primeiras décadas. Nesse aspecto, destacam-se as imagens das multidões nas arquibancadas registradas pelo fotógrafo Thomaz Farkas que ajudam a compreender

5 PEIXOTO-MEHRTEENS, Cristina. *Urban Space and National Identity in Early Twentieth Century São Paulo, Brazil*. Palgrave Macmillan, New York, 2010

6 WOLFF, Silvia Ferreira Santos. *Jardim América: o primeiro bairro jardim de São Paulo e sua arquitetura*. Tese (Doutorado) – FAUUSP, São Paulo, 1998

7 DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. Hucitec, Prefeitura do Município de São Paulo, Secretária Municipal de Cultura, São Paulo, 1985

como se dava essa ocupação do território. Ainda que o futebol profissional acabe predominando na narrativa, o trabalho traz também exemplos do uso do Pacaembu para outras atividades como eventos cívicos e comícios políticos.

No Capítulo 3 a dissertação concentra-se em compreender as origens do discurso de obsolescência do Pacaembu. Para isso utilizou-se como fonte documental a imprensa, tanto esportiva quanto geral, que revelam as preocupações e os discursos defendidos por setores da sociedade que possuíam grande relevância nos rumos do urbanismo paulista. A utilização de periódicos como fonte documental se deu em toda a dissertação, porém é nesse capítulo em que ela se configura com maior predominância.

Esta pesquisa se insere em um conjunto de trabalhos que estudam as transformações na cidade a partir de edifícios ou monumentos específicos. Espera-se que o resultado aqui apresentado possa contribuir para melhor compreensão das concepções a respeito de modernidade que estiveram presentes na cidade, além de demonstrar o poder estruturador que o futebol e as atividades esportivas tiveram sobre a história de São Paulo.

1

Construção

Durante os 12 anos da gestão de Antonio da Silva Prado, primeiro prefeito de São Paulo, a administração municipal foi marcada por uma série de investimentos na infraestrutura urbana de uma cidade que passara a acumular uma grande quantidade de capital devido à expansão da atividade cafeeira no estado. Em 1899, Antonio Prado criou o Serviço de Obras Municipais e nomeou o engenheiro português Victor da Silva Freire como diretor do órgão. Junto do Escritório Técnico Ramos de Azevedo, esses foram os principais agentes nos processos de planejamento urbano da cidade no início do século.

De forma geral, esses líderes urbanos pareciam acreditar que beleza e prosperidade financeira andavam lado a lado. Beleza urbana era sinônimo de elegância, simetria e monumentalidade – adjetivos constantemente utilizados para descrever as obras públicas do período, como o Theatro Municipal construído pela firma de Azevedo (1903-1911).⁸

Nesse cenário de efervescência econômica e investimentos na estrutura da cidade, é criada em setembro de 1911 a City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited, ou Companhia City como ficaria conhecida. A empresa, atuante no setor imobiliário e de melhoramentos urbanos inspirados na experiência dos bairros-jardins ingleses, adquiriu uma área total de mais de 12 milhões de metros quadrados em São Paulo, tornando-se proprietária do equivalente a 37% do perímetro

8 PEIXOTO-MEHRTEENS, C. Op. cit., 2010, p. 29 (Tradução do autor. No original: On the whole, these urban leaders seemed to believe that beauty and financial prosperity went hand in hand. Urban beauty was synonymous with elegance, symmetry, and monumentality—adjectives constantly used to depict public works of the time, such as the Municipal Theater built by Azevedo's firm (1903–1911).)

urbano da cidade⁹.

Em agosto de 1921 a Companhia City realizou a doação de uma área de 50 mil metros quadrados no bairro do Pacaembu, um de seus maiores empreendimentos na cidade, para o governo do estado de São Paulo com o objetivo de que um novo estádio fosse construído no terreno¹⁰. A ideia do Pacaembu como local ideal para um estádio já havia sido levantada pela Associação Paulista de Sports Athleticos alguns anos antes. Em um comunicado divulgado em fevereiro de 1919 e publicado pelo jornal O Estado de S. Paulo, a A.P.S.A. apresentava um estudo apontando o vale do Pacaembu como o local mais adaptado para a construção de um estádio justamente devido à elevação natural do terreno que sustentaria as arquibancadas. Segundo a publicação,

uma planície não se poderia prestar para uma construção desse gênero porque exigiria o arranjo de vários níveis artificiais, níveis muito mais facilmente e mais belamente obtidos pelo entalhamento de degraus nas encostas de montanhas do que pela superposição de vários planos feitos pela mão do homem.¹¹

A popularização do futebol na cidade atraía quantidades cada vez maiores de pessoas aos estádios e a imprensa esportiva, que se consolidaria como um dos principais atores no arranjo político e esportivo da capital nas décadas seguintes, também passa a exigir a construção de um novo palco adequado para São Paulo.

O domingo que passou serviu para nos provar que o maior estádio da cidade, o Parque Antártica, não é mais capaz de suportar a grande leva de torcedores. O embate entre Palestra e Corinthians levou mais de 35 mil espectadores ao estádio. Quando as autoridades vão olhar mais diretamente para isso? O futebol é o mais popular esporte da cidade, e ainda não temos um estádio compatível com essa popularidade.¹²

Apesar dos posicionamentos tanto da principal entidade reguladora do futebol paulista quanto da crônica esportiva e da

9 WOLFF, S. Op. cit., 1998, p.63

10 PEIXOTO-MEHRTEENS, C. Op. cit., 2010, p. 140

11 O Estado de S. Paulo, 22 de fevereiro de 1919, p.6

12 A Gazeta, 15 de maio de 1929, p.9

doação do terreno pela Companhia City nenhum projeto para a construção do estádio foi levado adiante durante a década de 1920. A área foi abandonada e tornou-se um empecilho para a Companhia City pois desvalorizava os demais empreendimentos da empresa na região¹³. A construção do estádio, portanto, era essencial para os interesses econômicos da Companhia City que nesse momento tinha dificuldade para vender seus imóveis no bairro¹⁴. Em março de 1933, o comitê local da Companhia City deu início ao “Plano Pacaembu” na tentativa de pressionar o governo estadual para a construção do estádio. Apesar de ser a parte mais interessada do ponto de vista econômico na construção do estádio naquele momento, as condições propostas para esse acordo ainda eram favoráveis à companhia. A estratégia do comitê consistia em tornar o poder público responsável pela pavimentação das ruas ao redor, além de financiar metade dos custos da construção do estádio. O plano da City envolvia também outros agentes privados. Um acordo foi realizado entre a Cia City e um de seus diretores, Arnaldo Dumont Villares, também sócio do Escritório Técnico Ramos de Azevedo/Severo & Villares. O escritório de Villares financiaria metade do valor que cabia à companhia, desde que a City utilizasse sua influência para persuadir o governo a contratá-lo para a obra. As duas empresas buscaram também um acordo com o São Paulo Futebol Clube para que a equipe arrendasse o novo estádio quando concluído¹⁵.

O Escritório Técnico Ramos de Azevedo/Severo & Villares apresentou seu primeiro projeto em junho de 1934. O estádio possuiria duas arquibancadas laterais construídas sobre a elevação natural do vale e uma concha acústica em uma das extremidades. Do outro lado, um portão com altas torres alongadas e uma grande praça marcariam a entrada principal do estádio com uma linguagem monumental. Essa proposta apresenta grande semelhança à estrutura dos portões principais do Estádio Olímpico de Berlim, construído para os Jogos Olímpicos de 1936 e um dos principais marcos arquitetônicos do período do regime nazista na Alemanha. É importante ressaltar que a proposta para o Pacaembu não se trata de uma cópia, já que ela é anterior a inauguração do Estádio Olímpico. Porém é possível identificar uma linguagem arquitetônica comum que era buscada

13 PEIXOTO-MEHRTENS, C. Op. cit., 2010, p. 140

14 WOLFF, S. Op. cit., 1998, pp 94-98

15 PEIXOTO-MEHRTENS, C. Op. cit., 2010, p. 141

Vista do alto do Vale do Pacaembu, 1926. Acervo Folha de São Paulo.

Paca-embú

CIA.

C
I
T
Y

Por todos os motivos, quer quanto a conforto e salubridade, quer a garantia de boa vizinhança, Pacaembu' é o bairro moderno onde V. S. DEVE CONSTRUIR A SUA RESIDÊNCIA.

Anúncio da Cia City publicado na revista A Cigarra, maio de 1934.
Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

para os grandes complexos esportivos naquele período.

As linhas *art déco* do projeto, com as torres alongadas e uma acentuada preocupação de monumentalidade – quase grandiloquência –, fazem lembrar as soluções contemporâneas dos estádios alemães, construídos sob a direção de Albert Speer, para os grandes desfiles nazistas, que foram copiados em vários países do mundo. Era uma arquitetura expressionista, com seus traços exagerados, em linhas verticais e horizontais, quase agressivas.¹⁶

No entanto, entraves entre os agentes privados e o poder público, sobretudo a respeito das diretrizes e exigências para a realização do empreendimento, impediram que a obra fosse iniciada de imediato e o terreno continuou inutilizado.

Em julho de 1935, a gestão municipal do prefeito Fábio Prado criou o Departamento de Cultura a partir de um projeto proposto por Mário de Andrade e Paulo Duarte. O Departamento, estruturado pelo Ato Municipal nº 1.146, era composto por cinco divisões: Expansão Cultural; Bibliotecas; Educação e Recreio; Documentação Histórica e Social; Turismo e Divertimentos Públicos¹⁷. A Divisão de Educação e Recreio, por sua vez, possuía a seção de Parques Infantis e a de Estádio, Campos de Atletismo e Piscinas.

Competia à Seção de Estádio, Campos de Atletismo e Piscinas, sobretudo em bairros operários, de campos para atividades atléticas, ginásticas e esportivas, destinados a proporcionar a adolescentes, principalmente, oportunidades para exercícios físicos ao ar livre, desviando-os dos ambientes prejudiciais.¹⁸

O objetivo da Divisão de Educação e Recreio e do Departamento de Cultura como um todo por meio de suas demais divisões era realizar um programa de educação social da crescente população urbana que encontrava-se ainda privada de acesso a determinados serviços. Segundo Paulo Duarte, o estabelecimento de campos de atletismo e parques infantis por toda a cidade beneficiaria “aqueles que não podiam frequen-

16 REIS FILHO, Nestor Goulart, “Um Palco da Modernidade”, in: *Jornal da Tarde*, 14 de fevereiro de 1990, p. 8

17 DUARTE, P. Op. cit., 1985, p. 62

18 *Ibid.*, p. 87

Maquete do projeto para o Estádio Municipal, 28 de outubro de 1936. Nesse primeiro projeto proposto pelo Escritório Técnico 'Ramos de Azevedo' o estádio teria somente duas arquibancadas laterais. Acervo da Biblioteca da FAUUSP.

Croqui e vista do primeiro projeto para o Estádio Municipal. Acervo da Biblioteca da FAUUSP.

tar clubes a pagamento, aqueles para os quais a administração pública só olhava quando os metia na cadeia, sob o pretexto de crimes e contravenções, cuja maior responsabilidade recai justamente sobre o meio social que os deixa ao abandono”¹⁹. Como parte desse programa fora estabelecido que seria construído um Estádio do Departamento de Cultura destinado a competições e torneios esportivos e solenidades cívicas. A Divisão de Educação e Recreio deu início então à procura por um local adequada para a construção de tal empreendimento. Foram cogitados terrenos no Ibirapuera, onde já se planejava a construção de um grande parque para a cidade, e na Móoca, no espaço deixado pelo Jóquei Clube após sua mudança para o bairro de Pinheiros.

A possibilidade do Pacaembu como sede para o Estádio do Departamento de Cultura surge, segundo Paulo Duarte, por acaso quando durante uma arrumação em seu escritório ele encontra as plantas e a proposta da Companhia City com a doação do terreno. Em sua biografia de Mario de Andrade, Paulo Duarte atribui, talvez até de forma exagerada, a continuidade das obras à sua mediação entre os diversos agentes envolvidos. Após apresentar a ideia para o prefeito Fábio Prado, Duarte relata que foi autorizado a negociar com a City e o governo do Estado para que o terreno fosse transferido para a municipalidade²⁰. A proposta foi aceita e a Prefeitura comprometeu-se a financiar a construção do complexo esportivo, além de pavimentar cinco quilômetros de vias na região e estender as linhas de transporte público até o estádio. A única condição imposta pela municipalidade era que a empresa a realizar a construção do estádio deveria ser escolhida por meio de um concurso público, o que contrariava o acordo já estabelecido entre a City e o Escritório Severo & Villares. Para contornar essa exigência legal, a Companhia City exigiu da Prefeitura a participação na elaboração das condições do Edital de Concorrência Pública, o que possibilitaria garantir que nenhuma outra firma a não ser o Escritório Severo & Villares pudesse atender as demandas propostas²¹. De fato, nenhuma outra proposta foi submetida e o Escritório Severo & Villares foi declarado o vencedor do edital para a construção do Estádio Municipal. No dia 28 de novembro de 1936 foi celebrada uma cerimônia de lançamento

19 Ibid., p. 87-88

20 Ibid., p. 88-89

21 PEIXOTO-MEHRTENS, C. Op. cit., 2010, p. 149

Obras do Estádio do Pacaembu, 26 de novembro de 1937. A construção teve início pela arquibancada leste, na imagem. Acervo da Biblioteca da FAUUSP.

da pedra inaugural, marcando o início oficial das obras do novo Estádio Municipal.

Ainda que as obras tenham sido iniciadas, os desacordos entre o poder público e os agentes privados não cessaram. Em junho de 1937, a Revista do Arquivo Municipal publicou um artigo escrito por Nicanor Miranda, diretor da Divisão de Educação e Recreio do Departamento de cultura, no qual ele recomendava alterações no projeto do Estádio Municipal, como a criação de uma praça em frente ao portão principal, o que demandaria um tempo maior para a finalização da obra. Além disso, Miranda defendia que a função cívica do estádio deveria ser prioridade em relação aos interesses dos agentes privados²². As mudanças propostas desagradavam o comitê da Companhia City que se demonstrava insatisfeito com as constantes alterações exigidas pela municipalidade. A Prefeitura cogitou até mesmo rescindir o contrato com o Escritório Severo & Villares, mas após longas negociações o acordo foi mantido.

Novas mudanças radicais nas obras do Estádio Municipal surgiriam após o estabelecimento do Estado Novo por Getúlio Vargas em novembro de 1937. Vargas nomeou Adhemar de Barros como interventor federal no estado de São Paulo em 27 de abril de 1938 e, dias depois, o novo chefe do poder executivo estadual anunciou a substituição de Fábio Prado por Francisco Prestes Maia como prefeito da capital paulista. Naquele momento a arquibancada leste do estádio, o ginásio e a piscina encontravam-se quase finalizadas²³. Prestes Maia reuniu-se então com a direção da Companhia City para a discussão de um novo contrato e o reestabelecimento das obras. O novo acordo estendia o prazo para a conclusão das obras e a municipalidade comprometia-se a financiar inteiramente as obras restantes, incluindo a pavimentação das vias e um novo lance de arquibancadas em curva unindo os dois setores laterais originais, a maior alteração em relação ao projeto original apresentado em 1934. A mudança teve como objetivo acomodar um número maior de espectadores e imprimir ao estádio um caráter ainda mais monumental. Naquele momento o futebol profissional já se consolidava como um grande espetáculo de massas que atraía as atenções de diversos setores da sociedade. A recente campanha bem sucedida da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938

22 Ibid., p. 153

23 O Estado de S. Paulo, Suplemento em Rotogravura, 1^a e 2^a quinzena de abril de 1940

LEGENDA

- ⑤ GABINETE SANITARIO SENHORAS
- ⑥ GABINETE SANITARIO HOMENS
- ③ BILHETERIA
- ↑ ENTRADA JOGADORES
- ⬆ ENTRADA PUBLICO

ESTÁDIO MUNICIPAL DE S. PAULO

ESCRITÓRIO TÉCNICO BAHOS DE AZEVEDO
SEVERO VILLARES & CIA
 LYSA
 ENGENHEIROS-ARQUITETOS-CONSTRUTORES
 O B R A — Nº 1495

Página anterior: Planta do projeto final para o Estádio Municipal. Acervo da Biblioteca da FAUUSP.

Acima: Obras do Estádio do Pacaembu. Nessa imagem é possível observar a utilização da elevação natural do terreno para a construção das arquibancadas do estádio. Ao redor, o bairro já possuía algumas residências mas ainda não havia sido completamente ocupado. A imagem não está datada, porém à esquerda da foto é possível observar a estrutura da arquibancada em formato de U, o que indica que a fotografia possivelmente tenha sido tirada por volta de 1939, após a mudança no projeto. Acervo da Biblioteca da FAUUSP.

Obras do Estádio do Pacaembu. Acervo da Biblioteca da FAUUSP.

terminando na terceira colocação foi acompanhada em todo país por transmissões de rádio, aumentando ainda mais o poder e a fascinação que o futebol exercia nos espaços urbanos. No ano seguinte o Brasil se candidataria à sede do Mundial de 1942, não realizado devido à Segunda Guerra Mundial. Nesse cenário, o moderno Estádio Municipal de São Paulo seria o grande templo do futebol nacional, portanto sua linguagem deveria ser monumental à altura.

Com o Estado Novo e as nomeações de Adhemar de Barros e Prestes Maia para os cargos executivos do estado e do município, o Departamento de Cultura também passou por diversas mudanças em sua composição, sendo a retirada de Mário de Andrade como seu diretor a mais significativa. Seu colega Paulo Duarte criticaria duramente a nova gestão pelas transformações realizadas no que considerava um dos mais importantes projetos do Departamento.

E o Estádio de São Paulo criado para um destino alto no programa de educação do povo arrasta-se até hoje, servindo apenas o trivial do seu destino, como campo de futebol, lutas de box e, às vezes, comícios políticos. Parte integrante, complementar e indispensável da Divisão de Educação e Recreio, foi amputado do Departamento de Cultura ao qual não mais pertence!²⁴

Paulo Duarte ressentia a saída de Fábio Prado, segundo ele alguém que passara “todo seu tempo na tormenta gelada dos negócios, tão aberto aos problemas culturais²⁵”, e sua substituição na Prefeitura Municipal por Prestes Maia, considerado um burocrata menos atento a tais questões. Sobre o Estádio Municipal, Duarte também afirmaria

Mas, coitado, quase se arrependeu de ter nascido ao ouvir, no ato inaugural, as palavras com que o sr. Prestes Maia saudava o Sr. Getúlio Vargas...²⁶

O discurso contrapondo as gestões de Fábio Prado e Prestes Maia tornou-se recorrente na historiografia do urbanismo da

24 DUARTE, P. Op. cit., 1985, p. 89

25 Ibid., p. 88

26 Ibid., p. 89

cidade de São Paulo, colocando o primeiro como um prefeito mais ligado aos aspectos culturais da capital enquanto o segundo teria uma administração técnica focada em grandes obras. É importante compreender essa narrativa inserida dentro do contexto da oposição que a tradicional oligarquia rural paulista, à qual Fábio Prado era ligado, tradicionalmente fez em relação aos governos de Vargas. Prestes Maia, por sua vez, possuía relações muito mais próximas com Vargas e tinha sua imagem associada ao novo empresariado urbano, provocando certa rejeição da elite tradicional paulista. Existiu, no entanto, uma continuidade entre as duas gestões que não pode ser ignorada.

As obras do Estádio Municipal foram enfim concluídas em abril de 1940. O imponente complexo esportivo foi apresentado ao lado de outras grandes obras públicas realizadas durante o período como grandes símbolos do progresso e da modernidade atingida por São Paulo. A construção do novo estádio despertou também um novo interesse no campo da arquitetura esportiva. Em abril de 1940, mês da inauguração do Estádio do Pacaembu, a Revista Acrópole publicou extenso ensaio fotográfico retratando as instalações esportivas de diversos clubes da cidade. Resultado de uma intensa e longa conjunção de esforços e interesses de diversos atores políticos, públicos e privados, o Pacaembu extrapolava os limites básicos de uma praça esportiva para tornar-se um dos grandes monumentos edificadores da história de São Paulo que buscava afirmar sua vocação para a modernidade. A inauguração de tal espaço, portanto, não poderia ser apenas um evento esportivo, mas seria tratada como um grande evento cívico de afirmação e legitimação de poder nas diversas esferas da sociedade.

Obras do Estádio do Pacaembu. A imagem revela que a prioridade das obras foi a construção das arquibancadas. Ao fundo, a concha acústica ainda encontrava-se em estágios iniciais. Mais ao fundo revela-se que as outras áreas do complexo esportivo também ainda não estavam sendo construídas. Acervo da Biblioteca da FAUUSP.

Concha acústica do Estádio Municipal. Ao fundo, as quadras de tênis cobertas. À esquerda, a réplica da Estátua de Davi de Michelangelo. Enquanto as demais áreas do estádio possuíam uma linguagem monumental próxima ao Art Deco, esse espaço busca inspiração no classicismo. Acervo da Biblioteca da FAUUSP.

A réplica da Estátua de Davi em contraste com as arquibancadas do Pacaembu. Apesar de sua linguagem diferente, a escolha pela imagem clássica da representação de um corpo humano perfeito relaciona-se com as ideias de aprimoramento físico que estiveram por trás da construção do estádio. Acervo da Biblioteca da FAUUSP.

Teste da iluminação do estádio para eventos noturnos. Além de sua capacidade de público grandiosa, os fortes refletores do Pacaembu eram um de seus principais atrativos como uma nova maravilha urbana. Acervo da Biblioteca da FAUUSP.

Concha acústica do Estádio Municipal. Nas partidas de futebol, o espaço era ocupado por torcedores. Acervo da Biblioteca da FAUUSP.

Vista aérea do bairro do Pacambu. Acervo da Biblioteca da FAUUSP.

Quadras descobertas de tênis, parte do complexo esportivo. Acervo da Biblioteca da FAUUSP.

Croqui de divulgação do Estádio do Pacaembu. Acervo da Biblioteca da FAUUSP.

Clube

Espéria

Ponte Grande

São Paulo

Vista

Geral

Foto: Leon Liberman

SEVERO & VILLARES
ENGENHEIROS ARQUITÉTOS

6 ACROPOLE

Instalação de
tratamento de Água
Escritório Técnico W. A. REIN
São Paulo

ABRIL, 1940 7

Revista Acrópole, abril de 1940, nº 24. Na imagem, a piscina olímpica do Clube Espéria, na zona norte de São Paulo, também um projeto do Escritório Severo & Villares. Acervo Revista Acrópole FAUUSP.

Revista Acrópole, abril de 1940, nº 24. Instalações esportivas do Clube de Regatas Tietê. Acervo Revista Acrópole FAUUSP.

CLUBE DE REGATAS TIETÊ'

Ponte Grande — São Paulo

LINDENBERG, ALVES & ASSUMPÇÃO
ENGENHEIROS CIVIS

Clube de Regatas Tietê

Ponte Grande
São Paulo

Vista parcial

LINDENBERG, ALVES & ASSUMPÇÃO
ENGENHEIROS CIVIS

Foto: Leon Liberman

ABRIL, 1940

2

Modernidade

No presente capítulo a dissertação irá abordar o período considerado de auge do Estádio do Pacaembu, iniciando-se com a cerimônia inaugural que pode ser interpretada como um retrato da política disciplinadora da sociedade proposta pelo Estado Novo. Portanto antes de apresentar o momento da cerimônia é necessário que seja feita a discussão a respeito dessa política regulamentadora proposta pelo regime de Getúlio Vargas.

A Revolução de 1930 rompeu com o domínio das oligarquias de São Paulo e Minas Gerais que exerceram a hegemonia política no cenário nacional durante o período da República Velha e iniciou o processo de centralização do poder do Estado nacional sob o comando de Getúlio Vargas. O novo regime brasileiro apresentava o Estado como o agente da modernização e industrialização que impulsionariam o Brasil a figurar entre as principais economias do mundo. O controle estatal sobre os diversos setores da sociedade civil foi intensificado com a instituição do regime autoritário e nacionalista do Estado Novo em 1937. A ideia de uma identidade nacional única que suprimisse as peculiaridades e dissidências regionais em favor de um modelo de cidadão brasileiro moderno se configurava como uma das grandes preocupações desse novo regime.

O Estado Novo criou diversos órgãos e aparatos para divulgar e propagar suas ideologias oficiais e realizações, como por exemplo, a Revista Cultura Política, publicada mensalmente entre março de 1941 e outubro de 1945. Definida em seu próprio subtítulo como uma revista de “estudos brasileiros”, Cultura Política se colocava como um “espelho do Brasil²⁷”. Nas palavras de Almir de Andrade, diretor da Revista durante toda sua existência e um dos principais ideólogos do Estado

27 ANDRADE, Almir de. “A evolução política e social do Brasil”, in: Revista Cultura Política, nº1 ano 1, março de 1941. Rio de Janeiro, p.8

Novo, a Cultura Política em suas páginas definiria

O que somos, o que pensamos, o que realizamos em todos os setores da nossa atividade creadora – na política, na economia, na técnica, nas artes, nas letras, nas ciências – ficará estampado nestas páginas, através do depoimento de todas as gerações que hoje vivem, em todas as cidades e rincões do Brasil. Uns após outros esses depoimentos virão, do norte e do sul, do litoral e do centro, de velhos e moços, de gerações da República e do Império, de antes e de após-guerra. Eles falarão pelo Brasil. Porque eles são o Brasil.²⁸

A Constituição outorgada por Getúlio Vargas em novembro de 1937 que marcou o fim da Segunda República e o início do Estado Novo é definida na edição inaugural de Cultura Política como a primeira capaz de estabilizar o país em um “ritmo de concórdia, de paz e de trabalho²⁹”. De acordo com Ulisses Ramallete Maia, Inspetor Chefe do Ensino Secundário Profissional e Técnico do Espírito Santo e autor do artigo “A situação atual do Estado Brasileiro – Vantagens da Constituição de 1937 em relação às anteriores”,

Somente com a promulgação da Constituição de 1937, pode o Governo Brasileiro extinguir a confusão que imperava na política nacional, para que, dess’arte, pudesse levar a termos os postulados do Governo Revolucionário vitorioso em 1930 e que se implantou no Brasil, após lutas sangrentas, com a simpatia e a vontade de toda a sua população que só nele encontrava a salvação nacional de nossas instituições, criticadas então, asperamente, pelos observadores da imprensa indígena e internacional.³⁰

As Constituições anteriores, segundo Maia, foram incapazes de suprimir dissidências regionais e unir o país em torno de um projeto único e, portanto, prejudicando o desenvolvimento nacional. Ao analisar a primeira Constituição Brasileira, promulgada por D. Pedro I em 1824, o autor afirma que ela estava “no seu todo, impregnada de ideias estrangeiras, assimiladas pelos

28 Ibid., p.8

29 MAIA, Ulisses Ramallete. “A situação atual do Estado Brasileiro – Vantagens da Constituição de 1937 em relação às anteriores”, in: Revista Cultura Política, nº1 ano 1, março de 1941, Rio de Janeiro, p. 76.

30 Ibid., p. 79.

legisladores de sua época, cuja legislação dificilmente podia se ambientar no meio nacional por inadequável, retardando, por isso, o nosso desenvolvimento econômico e social³¹”.

O Estado Novo, por meio de seus ideólogos, não apresentava receio em se declarar publicamente como um regime autoritário. Tal característica era até mesmo ressaltada positivamente como uma forma de legitimação de poder em oposição ao regime liberal da República Velha. Ainda no mesmo artigo a respeito da Constituição de 1937, Ulisses Ramalheite Maia reconhece os traços autoritários do Estado como única alternativa para o país.

Essa nova modalidade de forma de governo surgida com a promulgação da atual Constituição continua a ser a mesma forma republicana democrática anteriormente instituída, modificada apenas em sua estrutura, que deixou de ser demasiadamente liberal, para transformar-se num Estado Forte e Autoritário. [...] o governo do Sr. Getúlio Vargas não tinha outro caminho a seguir na direção da terceira República Brasileira. As inúmeras responsabilidades do Poder, que se encontravam em suas mãos em consequência da vitória outubrista de 1930, levaram-no a idealizar, após uma análise conscienciosa da situação nacional, uma fórmula capaz de modificar o estado das coisas reinante, resolvendo, por isso, instituir, após prolongados estudos peculiares à sua clarividência pessoal, o Estado Forte atual de salvação nacional para a felicidade do povo brasileiro, que o aplaudiu delirantemente nessa ocasião e que continua satisfeito com a administração do novo regime.³²

É importante notar ainda que Maia ressalta que embora esse Estado atual do Brasil seja autoritário, “nada deixa a transparecer com a ideologia totalitária de certos governos autócratas da Europa, continuando o Brasil a sua marcha governamental enquadrado nos postulados da república democrática³³”. Apesar de não citar nominalmente, é possível interpretar que tais governos autócratas da Europa correspondam à Alemanha nazista e à Itália fascista. As eventuais semelhanças, diferenças e inspirações que esses dois regimes autoritários possam ter exercido na formação e consolidação do Estado Novo não são o objetivo desse estudo. O que deve ser destacado em relação

31 Ibid., p. 77.

32 Ibid. p. 77

33 Ibid., p. 79

à pesquisa nesse trecho é preocupação do autor em delimitar a Constituição de 1937 como algo legitimamente brasileiro e, portanto, o mais apropriado para a nação. Novamente observa-se aqui a preocupação com a criação de uma identidade nacional que incorpore os anseios e necessidades do que seria o verdadeiro povo brasileiro.

Até mesmo a própria noção do que seria o tal “povo brasileiro” estava no centro dos debates propostos pelos ideólogos do Estado Novo que se encaravam como unificadores e fundadores da ideia de uma nacionalidade única já que os regimes da República liberal e da Monarquia teriam sido incapazes de integrar a nação.

A observação imparcial vinha entretanto revelar que não existia ainda ‘um povo brasileiro’ e que era necessário quanto antes formá-lo. O que se via era um povo mineiro, um povo paulista, um povo paraense, etc...etc... Imperando o bairrismo, não era possível a integração da nacionalidade num todo. Urgia uma ação imediata; tão importante questão não podia ficar fora da ação governamental. Em tempo, felizmente, compreendeu-se que a ‘psicologia do povo brasileiro’ era dispersiva, desagregante, separatista. Era necessário unir as diversas partes num todo.³⁴

Nesse projeto político de construção de uma identidade nacional brasileira, as atividades físicas e esportivas desempenharam importante papel. Eram compreendidas como formas de disciplinar e regulamentar os corpos e comportamentos dos cidadãos, especialmente as massas operárias urbanas, adequando-os às exigências da modernidade e tornando-os elementos produtivos. O Estado Novo configurou-se como uma sociedade reguladora que utilizou a Educação Física como uma das capilaridades do poder para disciplinar a sociedade³⁵. Na visão dos ideólogos do Estado Novo e proponentes da disciplina através da Educação Física o papel reservado às classes trabalhadoras era completamente passivo, como podemos observar nos seguintes artigos publicados em *Educação Physica*, primeiro

34 MÜLLER, João Pedro. “À margem da democracia brasileira”, in: Revista Cultura Política, n° 9 ano 1, novembro de 1941, Rio de Janeiro, p. 8

35 LIMA, Magali Alondo de. Formas arquiteturais esportivas no Estado Novo (1937-1945): Suas implicações na plástica de corpos e espíritos, Rio de Janeiro, FUNARTE, 1979, p.28.

periódico comercial especializado publicado no Brasil.

As massas, opina o velho Thomas Mann, são de resto perfeitamente organizáveis, e se verifica que elas aceitam sempre com alegria e reconhecimento toda organização que lhes ofereça, qualquer que seja o espírito que a inspire, mesmo o da disciplina ou da violência. Por que não dar, pois, às nossas massas a organização da disciplina que emana da Educação Física? Tem sido esse o pensamento admirável do Major Rolim levando a Educação Física às classes trabalhadoras e aos menores vadios dos morros e favelas.³⁶

Nesse sentido, a Educação Física proporcionaria uma capacidade moldadora da sociedade, permitindo “aperfeiçoar os valores dirigidos e criadores das elites e aptidões produtoras das massas³⁷”. Até mesmo em seu tempo livre as massas operárias precisariam ser orientadas e regulamentadas para que não usufríssem dele em espetáculos e atividades noturnas, mas na prática de atividades físicas.

Em seguida surge outra questão: criado o descanso para os trabalhadores, que vão fazer eles durante este tempo? O obreiro, diz-se, não possui nem a cultura, nem a mentalidade, nem o gosto das classes ricas, só pode dele fazer mau uso; tem-se visto, neste momento, a introdução do dia de 8 horas e da semana inglesa. São os cabarets, os campos de corrida e os lugares de prazer que têm prosperado. O mesmo fato se dá ainda na hora atual em que falta de trabalho deixa tantos obreiros desocupados, que nem sabem o que fazer. (...) O obreiro e o empregado, encerrado em sua usina, seu escritório ou sua loja, durante dias inteiros, que passa os seus momentos de descanso nas salas de espetáculos, dancings, cafés superlotados, para se divertir, não restabelece o equilíbrio, intoxica-se ainda mais.³⁸

Em janeiro de 1940, a cidade de São Paulo recebeu uma visita oficial do embaixador alemão no Brasil, Kurt Pruefer, enviado ao país logo após o início da Segunda Guerra Mundial com o

36 JUNIOR, Peregrino. “O Papel da Educação Física na Formação do Homem Moderno”, In: Educação Physica, n° 62-63, Rio: Cia. Brasil Ed. 1942, p.30-31

37 Ibid., p.32.

38 DEMARBRE, G. “A Obra Social de Educação Física” In: Educação Physica n°36, Rio: Cia Brasil Ed. 1939, pp. 10-11

intuito de aproximar diplomaticamente os dois regimes. Em sua passagem pela capital paulista, Pruefer foi recebido com homenagens por representantes dos poderes estadual e municipal em visitas à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, ao Instituto Biológico, à Penitenciária do Estado e às obras do Estádio Municipal³⁹, nesse momento já perto de sua conclusão. Sobre o estádio, Pruefer declarou

Visitei muitas de suas instituições e falei a muitos dos representantes de sua vida publica. Em toda a parte colhi a mesma impressão - a ordem creadora da prosperidade e do progresso vertiginoso e victorioso. o que, entretanto, mais me impressionou foi a grandiosa obra realizada no domínio da hygiene. Alem do majestoso Estadio Municipal que se destina a receber a juventude, que se entregará a prática do esporte, percorri varios institutos voltados a investigação e ao ensino da biologia e da medicina em geral. Eu proprio venho de um paiz em que desde eras remotas o cultivo da sciencia medica sempre se apresentou em plena florescencia. Tenho, por conseguinte, talvez um certo direito de affirmar que os institutos hygienicos de S. Paulo são modelares tanto em sentido prático como theorico. Essa realidade corre, sem duvida, paralelo a circums-tancia de ser v. exa., sr. interventor, um lidimo representante da classe medica. V. exa. plasmou a vida desta metropole pelo velho principio de Juvenal: 'Mens sana in corpore sano'. Só os homens perfeitamente sãos no corpo e na alma é que podem constituir os esteios da vida activa, da ordem e do progresso. S. Paulo e o Brasil saberão mostrar-se reconhecidos por ter v. exa. collimado e conseguido a concretização dessa grande ideia.⁴⁰

Alguns dias depois, após o regresso do embaixador ao Rio de Janeiro, a Folha da Manhã voltaria a publicar elogios feitos por Pruefer à administração de São Paulo e ao Estádio Municipal.

O embaixador allemão, sr. Kurt Pruefer, regressa ao Rio optimamente impressionado com a visita que São Paulo lhe proporcionou. Seu conceito sobre este grande Estado brasileiro é positivamente lisonjeiro. Já no que diz respeito aos seus homens publicos, já no que se refere as suas instituições, realmente modelares. (...) Do estadio Municipal, externou s. exa. o seu pensamento nessas palavras: 'É um estadio majestoso,

39 Folha da Manhã, 24 de janeiro de 1940, Primeira Secção, p.5.

40 Folha da Manhã, 21 de janeiro de 1940, Primeira Secção, p.4.

muito semelhante, em suas linhas, ao de Berlim, bem digno do progresso de São Paulo e do Brasil, cuja evolução nos esportes não ignoro, pois na Alemanha guardamos com gratidão a visita que ali fizeram os atletas brasileiros’.⁴¹

As noções de ordem, disciplina e regulamentação como ferramentas para alcançar a harmonia e modernidade tornando o cidadão apto para o trabalho e produtivo para a sociedade⁴² apresentadas aqui podem ser encontradas em uma análise da cerimônia de inauguração do Estádio Municipal de São Paulo em abril de 1940.

A cerimônia de inauguração

As discussões a respeito da programação inaugural do Estádio Municipal já tomavam as páginas dos periódicos da capital desde o início do ano de 1940. A possibilidade de o estádio ser inaugurado recebendo a partida entre as seleções de futebol de Brasil e Argentina válida pela Copa Roca em fevereiro daquele ano foi rejeitada, já que ele ainda não estava concluído⁴³. Também houve o interesse em convidar a seleção italiana de futebol, naquele momento a atual bicampeã mundial e uma das mais prestigiadas equipes no cenário internacional, para uma partida inaugural contra a seleção brasileira, porém sem sucesso⁴⁴. A data para a inauguração foi confirmada publicamente em fevereiro. O dia 27 de abril foi escolhido como data para a cerimônia por se tratar do aniversário de dois anos de governo de Adhemar de Barros, interventor federal no Estado de São Paulo, nomeado diretamente por Getúlio Vargas. A diretoria municipal de esportes suspendeu todas as demais atividades esportivas entre os dias 27 de abril e 5 de maio para que as disputas fossem concentradas na nova praça esportiva⁴⁵. Diversas entidades turísticas da

41 Pruefer se refere à delegação brasileira que competiu nos Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim. Folha da Manhã, 24 de janeiro de 1940, Primeira Seção, p.5.

42 SOUZA, Denaldo Achorne de. O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947), São Paulo: Annablume, 2008, p.60.

43 Folha da Manhã, 12 de janeiro de 1940, p. 11.

44 Folha da Manhã, 19 de janeiro de 1940, p.10.

45 “Da directoria de Esportes, recebemos o seguinte comunicado: ‘Devendo por ocasião do 2º aniversário do governo do dr. Adhemar de Barros, inaugurar-se o Estado do Pacaembu, as Federações, Ligas ou Associações não deverão realizar

Capa do jornal Folha da Manhã de 27 de abril de 1940, dia da inauguração do Estádio Municipal. Acervo Digital Folha de S. Paulo.

cidade reuniram-se para a elaboração de medidas com a intenção de facilitar a viagem de turistas a São Paulo. A associação Touring Clube do Brasil propôs a coordenação de “serviços de hospedagem, passeios, visitas extras aos principais logradouros da Capital, por isso que várias caravanas serão organizadas em pontos diversos do país, de sul a norte, bem como de turistas estrangeiros da América Latina, com a colaboração de agências e empresas de turismo”⁴⁶. Para facilitar o deslocamento de pessoas para a capital, a Prefeitura realizou um abatimento nos preços de passagens ferroviárias durante o período que antecedia a cerimônia⁴⁷.

Em entrevista à Folha da Manhã, Paulo de Campos, responsável pela organização dos serviços do Estádio Municipal sob indicação do prefeito Prestes Maia, deu grande destaque à função educacional do esporte e das atividades físicas.

Bem capacitado está o dr. Prestes Maia de que vivemos em pleno seculo do esporte e de que os exercicios phisicos não são apenas um meio agradável de distração, para fazer passar o tempo durante os nossos momentos de ócio, mas que se tornam, de facto, necessarios, indispensáveis mesmo, á criação de uma geração forte, sã e resistente. [...] Divulgada a nossa ideia, compreendida a sua alta finalidade, sobre todos os seus aspectos patrióticos, alem da alta repercussão que terá em nosso commercio e na nossa industria, não considerando ainda a influencia que deverá exercer em qualquer outro ramo de actividade, acreditamos que a imprensa, as emissoras e outras entidades organizadas prestarão o seu apoio e a sua collaboração. Dest’arte, poderemos, então, fazer uma propaganda util, efficiente e desinteressada, levando ao conhecimento de todos não só dentro da nação brasileira, como também das nações estrangeiras, a ideia que ora nos impulsiona.⁴⁸

Definida a data para a inauguração do complexo esportivo, a Administração do Estádio Municipal divulgou um comunicado pedindo a colaboração de toda a imprensa paulista para unir a população em torno desse grande acontecimento para que a

competições no periodo compreendido entre 27 de abril e 5 de maio inclusive, quando será levado a effeito um grandioso programma de character internacional em comemoração a essas datas”, Folha da Manhã, 1 de fevereiro de 1940, p.9

46 Folha da Manhã, 28 de fevereiro de 1940, p.7

47 FERREIRA, João Fernando. A Construção do Pacaembu. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2008, p.76

48 Folha da Manhã, 16 de fevereiro de 1940, p.3

imagem que o estado transmitisse para o resto da nação fosse o mais positiva possível.

Continuando na campanha que nos propusemos fazer para conseguirmos a maior animação durante as festividades de inauguração do Estádio, interessante seria que a imprensa, as emissoras e demais entidades organizadas de S. Paulo, desde agora preparassem o espirito publico. São Paulo deve, com effeito, engalanar-se afim de apparecer da maneira mais resplandescnte durante o período de festejos inauguraes do seu magestoso Estadio Municipal, marcado para o dia 27 de abril proximo futuro. Assim, poderá recebber, de maneira brilhante, a immensa leva de forasteiros que, evidentemente, acorrerá para assistir o invulgar certame. Será, sem dúvida alguma, um período excepcional para a vida do Municipio.⁴⁹

A cerimônia inaugural do Estádio Municipal não foi um evento restrito apenas ao mundo esportivo. A ocasião foi inserida em um cenário maior de celebrações políticas e cívicas que envolveram não somente a esfera municipal, mas também as instâncias estaduais e federais do poder público. Além de Getúlio Vargas e Adhemar de Barros, estiveram presentes na cerimônia como convidados oficiais o interventor federal no Rio de Janeiro Amaral Peixoto e o Prefeito do Distrito Federal Henrique Dodsworth⁵⁰.

A visita oficial de Vargas à São Paulo teve início no dia 26 de abril, quando foi recebido no aeroporto de Congonhas por uma comitiva composta, entre outros, pelo prefeito Prestes Maia, General Mauricio Cardoso, comandante da 2º Região Militar do Exército, Fernando Costa, ministro da Agricultura, João Carneiro da Fonte, chefe de Polícia, D. José Gaspar, arcebispo metropolitano de São Paulo, delegações de diretorias da Federação das Industrias, da Associação Comercial, Sociedade Rural Brasileira e “distintas damas da sociedade paulistana⁵¹”. A ocasião, portanto, reunira representantes de diversos setores que compunham a sustentação política e legitimação ao regime e que buscavam também, por meio da visita de Vargas, demonstrar para a nação a modernidade que havia sido alcançada em São Paulo. Nesse primeiro dia na capital paulista, Vargas

49 Folha da Manhã, 18 de fevereiro de 1940, p.16

50 Folha da Manhã, 28 de abril de 1940, Primeira Secção, p.1.

51 Folha da Manhã, 27 de abril de 1940, Primeira Secção, p. 12.

também visitou fábricas em diferentes regiões da cidade.

No dia 27 de abril, um sábado, o jornal *Folha da Manhã* trazia em sua capa uma homenagem oferecida pela Companhia União dos Refinadores ao atual prefeito Prestes Maia e ao prefeito anterior Fábio Prado. O anúncio destacava a modernidade alcançada por São Paulo, observada nas obras públicas realizadas pelos dois governos, e o papel que o complexo esportivo teria na formação futura da raça brasileira.

Ao inaugurar-se o Estádio Municipal, essa gigantesca obra destinada a preparação das gerações vindouras, a Companhia União dos Refinadores, que vem crescendo com São Paulo, deseja prestar a sua homenagem a estes dois Paulistas, notáveis administradores que bem souberam compreender as necessidades desta raça que tem demonstrado, através de todas as vicissitudes, a sua extraordinária capacidade de trabalho. Sobre ser uma obra de extraordinária beleza, é o novo campo de esportes um elemento decisivo na preparação de uma raça forte. Assim o compreenderam o Dr. Fábio da Silva Prado, Digníssimo ex-Prefeito, que o iniciou e o ilustre Prefeito atual, Professor Dr. Francisco Prestes Maia, que o terminou. Tornam-se eles credores da estima e admiração do nosso povo, por mais essa obra que passará a posteridade.⁵²

Nessa mesma edição, foram publicadas as instruções para o desfile que deveriam ser seguidas por todas as associações, clubes e ligas participantes da cerimônia. Essas diretrizes revelam o papel central que as ideias de harmonia e disciplina ocupavam nas manifestações do período. Como forma de incentivo, a Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo instituiu premiações para as delegações, tanto da capital quanto do interior, assim como civis e militares, que “merecidamente se esforcem para o realce do desfile”. Os aspectos selecionados para o julgamento são reveladores das expectativas que cercavam o evento: “a) disciplina; b) apresentação de uniforme; c) atitude em marcha ou parada; d) aspecto de conjunto”⁵³.

Das representações presentes no desfile era esperado “o maior número de esportistas, bem uniformizados, para que seja um reflexo da solenidade que ficará grava na história esportiva e cívica do Brasil”. As instruções cobriam todos os aspectos do

52 *Folha da Manhã*, 27 de abril de 1940, p.1

53 *Folha da Manhã*, 27 de abril de 1940, p.19

comportamento exigido dos atletas durante todo o percurso na pista do Estádio Municipal, como a postura durante a marcha, a sincronia dos movimentos e a exibição das bandeiras.

Uma banda militar postada diante do microfone puxará todo o desfile. A distância entre uma representação e a outra será de 10 passos no desfile. As representações marcharão pela pista, do lado da tribuna de honra e quando chegar cada qual à altura da 1ª bandeirola vermelha, assim será comandado pelo chefe de cada uma: Tietê ou tal Federação de!, em seguida dará um 1º silvo de apito que significará sentido! e depois um 2º silvo que corresponde a olhar à direita. O olhar à direita deverá ser feito com energia, a cabeça bem voltada para esse lado, continuando o movimento de braços como na marcha. Só não olham à direita os homens da fila da direita e da fileira de frente para que não percam a direção da marcha. O porta bandeira da representação também não olha a direita, porém, a bandeira que conduz, com exceção da Brasileira, ao 2º silvo do apito é desfraldada e levada para a frente, até ficar a um palmo do solo. Nessa atitude continuam até que o chefe da representação chegue na 2ª bandeirola vermelha em que comandará: Paulistano! em seguida dá um apito que significará olhar à frente. Esse movimento deve ser enérgico e feito todo em conjunto. A bandeira desfraldada ao comando do 2º silvo de apito será colocada no ombro.

A bandeira deverá ser conduzida no ombro direito e seguro o pano e haste, conjuntamente, com a mão direita, que deve ser achar na altura do peito. [...]

O passo deve ser certo em marcha, cabeça levantada, jogo de braços, pulso saliente, não conversar em forma, etc.⁵⁴

Como pode ser observado, não apenas os movimentos e organização espacial de cada delegação como um todo deveriam seguir o mesmo rígido padrão, mas o corpo de cada atleta presente no desfile também deveria apresentar-se de forma disciplinada, enérgica, forte e em harmonia com os demais. A ideia dos corpos saudáveis, preparados para o trabalho e para a defesa do país, desfilando em conjunto de maneira uniforme servia também como um retrato da sociedade harmônica, sem luta de classes e unida em torno de um grande projeto de identidade nacional que o Estado Novo buscava criar.

54 Ibid.

Apesar das determinações rígidas e detalhadas, a cerimônia de inauguração sofreu um significativo atraso em seu início. O início das festividades estava previsto para as 15h00, porém os convidados oficiais e representantes do poder público chegaram à tribuna de honra apenas às 15h57. O desfile das delegações, por sua vez, teve início às 16h50. Após a execução do Hino Nacional Brasileiro, entraram no estádio as delegações estrangeiras da Argentina, Peru e Uruguai. Em seguida, vieram as delegações de associações esportivas do Rio de Janeiro e do Paraná. Por fim, entraram as delegações esportivas de São Paulo, seguidas pelas delegações das forças armadas sediadas no estado.

De acordo com a reportagem publicada pela Folha da Manhã no dia seguinte à cerimônia

As mais aplaudidas não se pode deixar de apontar, de modo muito especial, as representações do Germania, sem dúvida a que melhor figura fez. Seguiu-se-lhe a Escola Superior de Educação Physica, que também causou verdadeiro entusiasmo na assistência com as suas lindas e perfeitas integrantes. Depois, distinguiu-se o Mackenzie College, cuja presença foi especialmente notada pelo público e alvo também de estrondosa manifestação.

O público esportivo propriamente dito demonstrou quanto é querido o S. Paulo F.C., pois, ainda que apresentasse pequena turma, recebeu calorosas palmas, sendo o seu nome ovacionado delirantemente⁵⁵.

Poucos dias após o acontecimento, o São Paulo Futebol Clube publicou uma nota oficial de agradecimento nos jornais.

Perdurará no espírito e jamais será esquecido por quantos assistiram, o helênico espetáculo da inauguração do Estádio Municipal, em que a mocidade do Brasil foi conclamada a se reunir em torno da legenda que é a máxima de Juvenal, buscando, na perfeição, uma Pátria cada vez mais forte e unida.

Naquele magnífico Estádio em que os jovens ‘desfilaram com a serenidade tranquila dos que marcham para o futuro da Pátria’ e que foi ‘erguido por São Paulo, para servir o Brasil’, como disse o Senhor Presidente da República, ainda ressoam, para nós, como clarinadas de glória, os aplausos com que

55 Folha da Manhã, 28 de abril de 1940, p.17

foi recebida, desde a entrada até se localizar, a delegação que representava o São Paulo F.C.

Foi para nós a melhor recompensa a tudo quanto tempos procurado realizar para dar a São Paulo um clube que, representando a cidade, seja digno de sua grandeza. Foram ao São Paulo F.C. tributados os maiores aplausos com que aquela imensa mole humana nos distinguiu e nos incita a atingir, com tenacidade, o alvo que nos propusemos. Ficamos com a convicção do dever cumprido. Ficamos com a obrigação de fazer muito mais e prometemos fazer.

Esportistas de São Paulo: do coração vos agradecemos a espontaneidade dos aplausos recebidos que calaram fundo e nos sensibilizaram. Tudo o que temos feito tem sido pelo São Paulo, para São Paulo, contando com os nossos próprios meios e com o auxílio exclusivo dessa massa anônima, aqueles que nos aplaudiram e que são o sustentáculo da nossa força. Vangloriamo-nos desse apoio. Hoje, como ontem, necessitamos dele e, hoje, como sempre, tudo faremos para merecer e dignificar elevando o São Paulo F.C. com a grandeza da nossa terra.

Esportistas de São Paulo: muito obrigado!⁵⁶

Naquele momento, Corinthians e Palestra Itália dividiam a hegemonia de conquistas no cenário estadual e, conseqüentemente, possuíam maior número de torcedores na cidade. O São Paulo, clube duas décadas mais jovem que os dois, ainda ocupava papel coadjuvante nas disputas. A calorosa recepção do público durante a inauguração do Estádio Municipal, portanto, transformou-se em um marco da narrativa histórica do clube que atribui essa reação dos paulistas a uma manifestação de oposição a Getúlio Vargas que, três anos antes, havia ordenado a cremação de todas as bandeiras estaduais em uma grande cerimônia pública. A Constituição de 1937 que instituiu o Estado Novo no Brasil declarava em seu Artigo 2º que “A bandeira, o hino, o escudo e as armas nacionais são de uso obrigatório em todo o País. Não haverá outras bandeiras, hinos, escudos e armas”, demonstrando o movimento de centralização do poder e consolidação de uma identidade nacional única que suprimisse as peculiaridades regionais e estaduais. Portanto o São Paulo Futebol Clube que

56 Folha da Manhã, 30 de abril de 1940, p.18

levava não apenas o nome mas também as mesmas cores da bandeira estadual representaria naquele momento a identidade paulista que já havia entrado em conflito com o centralismo federal durante a Revolução Constitucionalista de 1932.

O estádio veio abaixo com a entrada da delegação do São Paulo, que, além do nome, trazia na camisa as cores da bandeira paulista. Era uma resposta do público ao presidente Getúlio Vargas, odiado em São Paulo desde a Revolução Constitucionalista de 1932. As manifestações de apoio ao São Paulo vinham de todas as partes, das camadas populares nas arquibancadas aos setores mais nobres do estádio. A multidão em peso se levantou aplaudindo e gritando entusiasmadamente: - São Paulo, São Paulo, São Paulo! - apontando para a tribuna de honra, onde estava o presidente Getúlio Vargas.⁵⁷

A partir desse episódio o São Paulo F.C. adotou o apelido de “o clube mais querido da cidade” que permanece como um dos elementos de distinção e orgulho no discurso oficial de memória da instituição.

Após o desfile das delegações foi acesa a pira olímpica, localizada em frente à tribuna de honra, seguindo o mesmo protocolo realizado nas aberturas dos Jogos Olímpicos e simbolizando, portanto, a importância e magnitude atribuídas ao evento que marcava a inauguração do novo Estádio Municipal. Junto da Tocha Olímpica, levada do Rio de Janeiro a São Paulo em um revezamento de atletas, foi apresentada uma bandeira nacional oferecida pelo Fluminense Futebol Clube como “homenagem do 1º Estádio construído no Brasil ao Estádio do Pacaembu”⁵⁸.

O primeiro discurso oficial foi realizado pelo prefeito da capital paulista, Prestes Maia, que iniciou sua fala enaltecendo o regime de Vargas e as conquistas e contribuições de São Paulo dentro desse projeto nacional.⁵⁹

Fundador e Executor do Estado Novo no Brasil, coube a vossa excelência, senhor Presidente, defini-lo, certa vez, em

57 GIACOMINI, Conrado. São Paulo - Dentre os Grandes, És o Primeiro. São Paulo, Ediouro, 2005.

58 O Estádio das Laranjeiras do Fluminense, no Rio de Janeiro, foi construído em 1919. Com capacidade para 18 mil espectadores, é considerado o primeiro estádio construído no país. Folha da Manhã, 27 de abril de 1940, p. 19.

59 O discurso de Prestes Maia foi publicado n' O Estado de São Paulo do dia 28 de abril de 1940, p.8

presença da nossa gloriosa Marinha de Guerra, como o instrumento das verdadeiras aspirações e necessidades nacionais.

Ora, é sob a inspiração desse conceito que trabalhamos em São Paulo. E foi, precisamente, para que vossa excelência pudesse testemunhar, com os próprios olhos, esse esforço que São Paulo pelas mãos do seu Interventor, pediu a vossa excelência se dignasse paranimphar esta festa inaugural

Prestes Maia seguiu seu discurso reconhecendo a administração municipal anterior de Fábio Prado que deu início à construção do Estádio Municipal, porém reivindicando para sua administração o caráter monumental que a obra final possuía.

A nossa praça de esportes é, senhor Presidente, a afirmação de um programa construtivo. Tendo-o recebido em início pusemos na sua ampliação e na sua conclusão o nosso melhor empenho. E assim como restituímos às administrações passadas a honra de sua iniciativa, reivindicamos para a presente a glória de sua execução na grandiosa escala e moldura que hoje se descortina.

Por fim, o prefeito de São Paulo voltou a enaltecer as políticas de educação moral e física implementadas pelo Estado Novo que, em sua visão, encontravam um palco adequado naquele moderno e imponente estádio que se inaugurava.

Este Estádio, que se impõe pela grandeza e pela sobriedade, é um monumento oferecido à administração de vossa excelência que erigiu a educação moral e física da sociedade em princípio constitucional.

Nesta praça a juventude se adestrará na prática de todos os esportes necessários e úteis. Não lhe demos majestade para que ela venha a servir somente de palco a exibições profissionais, pessoais ou decorativas. Mas demos-lhes majestade para que aí se valorize o elemento humano, de maneira a que todo cidadão, imitando o Hércules da lenda, se faça capaz de carregar o Brasil sobre os ombros. Demos-lhe majestade, sim, para que se torne centro de reunião de todos os brasileiros e cenário das mais grandiosas manifestações coletivas.

Nesse trecho é possível observar, novamente, a ideia de que

o esporte, sobretudo o amador, seria essencial na transformação dos brasileiros em cidadãos fortes, capazes e resistentes. O amadorismo, nesse contexto, era exaltado por se tratar de uma prática voluntariosa, feita de forma desinteressada nas glórias e recompensas, esportivas ou financeiras, das atividades esportivas profissionais e, portanto, uma forma mais “pura” do esporte.

Em seguida, Getúlio Vargas proferiu seu discurso no qual também fez referências ao caráter disciplinador que o esporte e o novo estádio exerceriam na formação dos cidadãos brasileiros⁶⁰.

Este monumento consagrado à cultura física da mocidade, em pleno coração da capital paulista, é motivo de justo orgulho para todos os brasileiros e autoriza aplaudir merecidamente a administração que o construiu.

As linhas sóbrias e belas de sua imponente massa de cimento e ferro não valem apenas como expressão arquitetônica, valem mais do que isso – valem como uma afirmação da nossa capacidade e do esforço criador do novo regime na execução do seu programa de realizações.

É ainda, e sobretudo, este monumental campo de jogos desportivos uma obra de sadio patriotismo, pela sua finalidade de cultura física e educação cívica.

Assim como Prestes Maia, Vargas faz referência à “sobriedade” das linhas arquitetônicas do Estádio Municipal. A escolha desse termo e sua aparição na fala das duas figuras públicas que discursaram na cerimônia é muito revelador pois ressalta a ideia de que a ordem e a disciplina deveriam se manifestar em todos os aspectos daquele espaço. Fisicamente a harmonia se manifestaria no estilo da construção, erguida em concreto armado simbolizando a modernidade e com linhas retas e detalhes geométricos característicos do Art Déco que diferenciavam-se do ecletismo do início do século XX. A ordem e a precisão da arquitetura daquele estádio tornavam-no perfeito, então, para receber as atividades esportivas e cívicas que aplicariam essa mesma disciplina e sobriedade aos corpos dos cidadãos. Ao continuar seu discurso, Vargas ressalta justamente a perfeição e sincronia dos movimentos observados durante a cerimô-

60 O discurso de Vargas, sob o título “O Estádio do Pacaembu e a cultura da mocidade”, foi publicado pela Biblioteca da Presidência da República.

nia como elementos que sinalizam o aprimoramento da raça brasileira.

Agora mesmo assistimos ao desfile de dez mil atletas, em cujas evoluções havia a precisão e a disciplina, conjugadas no simbolismo das cores nacionais. Diante dessa demonstração da mocidade forte e vibrante, índice eugênico da raça – mocidade em que confio e que me faz orgulhoso de ser brasileiro – quero dizer-vos:

Povo de S. Paulo!

Compreendestes perfeitamente que o Estádio do Pacaembu é obra vossa e para ela contribuístes com o vosso esforço e a vossa solidariedade. E compreendestes ainda que este monumento é como um marco da grandeza de S. Paulo a serviço do Brasil.

Declaro, assim, inaugurado, o Estádio do Pacaembu

Finalizados os discursos, os atletas realizaram o Juramento do Esportista Brasileiro, “uma exaltação à compreensão das finalidades esportivas, devotamento patriótico e respeito para com os deveres cívicos⁶¹”, e Getúlio Vargas e o interventor federal em São Paulo Adhemar de Barros entregaram o Distintivo da Mocidade Paulista a 600 esportistas presentes no gramado. A cerimônia foi encerrada com as apresentações do corpo de baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e da Orquestra do Theatro Municipal de São Paulo, que executou a sinfonia “O Guarany”, de Carlos Gomes.

A cerimônia repercutiu positivamente na imprensa paulista que ressaltou a importância histórica que aquele acontecimento carregaria para o futuro da nação. Segundo a manchete publicada pelo jornal Folha da Manhã “revestiu-se de raro brilho a inauguração do Estádio Municipal⁶²”. O Estado de S. Paulo também ressaltou os elementos de ordem e disciplina exaltados nos discursos proferidos durante a cerimônia.

Poucas vezes, acreditamos, nos será dado presenciar uma festa como essa, em que tão harmoniosamente se entrelaçaram, para

61 Folha da Manhã, 28 de abril de 1940

62 Ibid.

o deslumbramento de quantos ali tiveram de comparecer, as flâmulas multicores das legiões moças que pugnam pelo aperfeiçoamento eugênico da raça; nas pistas e nas piscinas de São Paulo, de cada um dos municípios paulistas, do Rio de Janeiro e das nações irmãs do continente; as melodias suavíssimas da alma em flor da nossa gente; os acentos viris dos nossos hinos, e, sobretudo, marcial e unanime, esse forte entusiasmo cívico de que todos participaram, na crença de que algo de novo se comemorava com a inauguração do Estádio do Pacaembu.

[...] Atribuir à físcultura uma importância, não maior, mas semelhante ao valor que se dá à educação intelectual e moral do nosso povo, eis o que significa a materialização do Estádio Municipal de São Paulo.⁶³

Utilização e ocupação do espaço

As primeiras atividades esportivas no Estádio Municipal ocorreram no dia seguinte à cerimônia de inauguração, com uma programação que incluía competições de natação, esgrima, pugilismo e futebol. Apesar de já se configurar como um esporte de massas na capital, a imprensa paulista considerou que as partidas de futebol a serem realizadas naquele dia eram inferiores em relevância às demais disputas. Segundo a Folha da Manhã:

O primeiro dia esportivo do Estádio Municipal está sendo aguardado com grande interesse e entusiasmo, oferecendo oportunidade aos afeitos da esgrima, natação, pugilismo e futebol de assistirem boas disputas, principalmente nos três primeiros esportes, dado que a parte futebolística é, infelizmente, a mais fraca entre todas as que foram organizadas.⁶⁴

Foram realizadas duas partidas válidas pela Taça Cidade de São Paulo, criada justamente para celebrar a inauguração do novo estádio. A primeira disputa foi entre o Palestra Italia e o Coritiba Foot Ball Club e terminou em vitória de 6 a 2 para o clube paulista. O evento prosseguiu com o confronto entre o Sport Club Corinthians Paulista e o Clube Atlético Mineiro

63 O Estado de S. Paulo, 28 de abril de 1940, p.7

64 Folha da Manhã, 28 de abril de 1940

que terminou com o resultado de 4 a 2, novamente a favor dos paulistas. Os dois rivais da capital voltariam a jogar no Estádio do Pacaembu no dia 5 de maio, quando o Palestra venceu o confronto decisivo por 2 a 1 e sagrou-se campeão da Taça Cidade de São Paulo.

Apesar da participação no torneio que marcou a inauguração da nova praça de esportes, Corinthians e Palestra Italia não aderiram ao novo Estádio Municipal imediatamente e continuaram a disputar seus jogos como mandantes em seus próprios estádios. Nos primeiros anos após a inauguração, as duas equipes utilizaram o Pacaembu apenas nos clássicos. O primeiro clube a utilizar o Estádio Municipal regularmente foi o São Paulo, à época ainda uma equipe de menor relevância em relação a seus principais rivais. No entanto, a grandiosidade do Pacaembu com capacidade para receber 70 mil espectadores, levou uma massa de torcedores aos jogos do tricolor e consequentemente proporcionou rendas enormes, possibilitando a consolidação esportiva e financeira do clube⁶⁵. Com o aumento da arrecadação em seus jogos o São Paulo pode realizar a contratação de Leônidas da Silva, destaque da Copa do Mundo de 1938 e principal jogador brasileiro da época. Foi justamente na estreia de Leônidas no dia 24 de maio de 1942, que o Estádio Municipal recebeu seu público recorde de 72.281 pessoas para a partida entre Corinthians e São Paulo válida pelo Campeonato Paulista⁶⁶.

A figura de Leônidas da Silva ganha destaque especial nesse momento por possibilitar a interpretação da subversão dessa ordem harmônica e controlada pensada pelo regime oficial. Mais popular jogador brasileiro de sua época, Leônidas levou grandes multidões ao Pacaembu em seus primeiros anos. E o futebol que ele praticava e apresentava nos gramados em nada se relacionava com as ideias normatizadas e definidas dos corpos que foram vistas na cerimônia de abertura. Naquele momento, a harmonia dos corpos no desfile, com movimentos sincronizados, uniformizados e previamente determinados refletia a harmonia daquele espaço construído com linhas arquitetônicas

65 “A grandiosidade do estádio trouxe o povo para os jogos do Tricolor e com a massa vieram, naturalmente, as rendas, que cresciam a patamares inimagináveis para um futebol até anos atrás amador, possibilitando ao clube se consolidar como grande, não apenas do ponto de vista da tradição – herdada do Paulistano, mas que com as derrotas perdia força a cada temporada –, mas também no aspecto financeiro”. QUEIROZ, Felipe de. Os reis do Pacaembu – O time que imortalizou o São Paulo F.C. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012, p.59

66 Ibid., p.65.

sóbrias e servia como símbolo da unidade social que o Estado Novo buscava implantar, sobrepondo-se às lutas de classes e estabelecendo uma sociedade única e harmônica. Leônidas, por outro lado, era o jogador do improviso e do inesperado, contrariando completamente as ideias de ordem e disciplina. Ele não foi o maior ídolo de sua geração por ser o mais habilidoso ou o jogador mais produtivo com maior número de gols, e sim por ser aquele que executava o mágico, como era o chute de bicicleta que virou uma de suas marcas, ou até mesmo a transgressão, como quando marcou um gol descalço após perder uma de suas chuteiras durante a Copa do Mundo de 1938, algo contra as regras oficiais.

A respeito do impacto que a figura de Leônidas da Silva teve para a formação do imaginário dos torcedores brasileiros, Denaldo Archone de Souza analisa:

Uma característica geralmente atribuída a um mito é a excepcionalidade. O mito é aquele que realiza façanhas extraordinárias, o que uma pessoa comum seria incapaz de fazer. E Leônidas realizava essas façanhas. Porém, o ‘Diamante Negro’ não era considerado excepcional por ser o mais habilidoso, por ter conquistado muitos títulos ou por ter feito muitos gols. Em termos de habilidade, muitos achava que Domingos da Guia era o jogador mais perfeito, que Romeu era mais inteligente e que Tim era o que tinha o melhor drible e o melhor domínio de bola. Em termos de títulos, até a Copa de 1938, Leônidas ganhou um pelo Vasco em 1934 e outro pelo Botafogo em 1935. Em ambas as conquistas, a sua participação foi efêmera. Já Domingos ganhou-os por onde passou, seja no Brasil, no Uruguai ou na Argentina. Romeu, por sua vez, era tricampeão paulista pelo Palestra Itália e bicampeão carioca pelo Fluminense. Em termos de gols, Leônidas era um grande artilheiro; contudo, estava longe de ameaçar os maiores goleadores da história do futebol brasileiro até então: Friedenreich e Feitiço. Não era por causa de sua habilidade, dos títulos ou da quantidade de gols que o ‘Diamante’ era considerado excepcional. O que o tornava excepcional eram as jogadas consideradas impossíveis, de improviso, sensacionais, jamais vistas até então, lances que ficaram gravados na mente dos fãs durante anos.⁶⁷

Fora de campo, Leônidas também era visto como uma figura subversiva que não se encaixava no ideal do novo cidadão que o

67 SOUZA, D. A. Op. cit., 2008, pp. 119-120

regime de Vargas buscava alcançar.

Assim, acusado de boêmio, farrista, de não respeitar acordos, de ter roubado, de ter recebido subornos, de ser preguiçoso, indisciplinado e vagabundo, definitivamente Leônidas não era a figura mais plausível para representar o ideal do 'homem novo'. O que Leônidas representava era uma ética totalmente diferente, muito mais próxima da ética da malandragem, tão difundida na mesma época. O malandro recusava conscientemente integrar-se ao mercado de trabalho. Já o Estado Novo valorizava o trabalho manual e a disciplina como elementos responsáveis tanto pela mobilidade e ascensão econômica, quanto pela inclusão dos humildes à cidadania brasileira. Assim, o jogador rebelde era visto como uma ameaça não somente para a equipe, mas também para toda a sociedade.⁶⁸

Apesar disso, Leônidas foi durante toda sua carreira um jogador extremamente popular e querido pelos torcedores de todos os times, atraindo milhares de espectadores aos estádios e contribuindo ainda mais para a consolidação do futebol como um espetáculo verdadeiramente de massas. É interessante notar que o primeiro jogador de futebol a brilhar como um ídolo nos gramados do Estádio do Pacaembu apresentasse uma concepção totalmente distinta dos ideais regulamentadores que estiveram por trás da construção daquele local. Em um espaço dedicado à ordem e a disciplina, foi a improvisação e a subversão de Leônidas que cativou a mente dos torcedores. Ressaltar sua trajetória e sua popularidade é essencial para que não se cometa o equívoco de presumir que as classes trabalhadoras aceitaram passivamente as determinações impostas pelo Estado Novo e tenham sido moldadas e disciplinadas como planejado pelo regime. Os torcedores de futebol, dos quais a grande maioria provinha das classes de trabalhadores urbanos, eram também sujeitos de sua própria história e os heróis que eles escolheram para cultuar no futebol demonstram a relação própria que eles estabeleciam com o esporte e o espaço onde ocorria o espetáculo.

A simpatia não se devia somente à sua excepcionalidade como jogador, mas também porque existia uma identificação muito grande com o mais humilde torcedor. Leônidas era um craque

68 Ibid., pp. 136-137.

como o fã brasileiro concebia: ágil e fulminante, pequeno e atrevido. Quando se via aquele pequeno craque em volta de gigantes, enganando-os, driblando-os, como se dribla as dificuldades da vida, o torcedor imediatamente comparava com a luta de anão contra um gigante, ou de uma pessoa humilde, porém esperta e intrépida, contra os poderosos.⁶⁹

Em uma extensa série de fotografias, Thomaz Farkas registrou as multidões que lotaram o Estádio Municipal para acompanhar Leônidas e outros ídolos do futebol paulista durante a década de 1940. Nascido na Hungria em 1924, Farkas imigrou para São Paulo com sua família em 1930. Fotógrafo e morador do bairro do Pacaembu, ele acompanhou as obras e a transformação causada pelo estádio.

[...] o Pacaembu, que era uma série de residências, passou a ser uma diversão, com os jogos, os ginásios cobertos, o tênis, a ótima piscina – que eu também frequentava. O bairro foi ainda usado para corrida automobilística, com os carros correndo pelas avenidas, o povo vendo dos barrancos.⁷⁰

Por meio das fotografias de Farkas é possível compreender alguns aspectos de como era a ocupação das arquibancadas do Estádio Municipal por parte dos espectadores. As grandes aglomerações de torcedores que se deslocavam para o Pacaembu contrastavam com o cenário do bairro majoritariamente residencial e ainda em processo de urbanização e ocupação. Em dias de jogos, milhares de torcedores se concentravam na praça em frente ao Estádio e automóveis estacionados ocupavam as ruas adjacentes.

As ideias de ordem e disciplina eram também de certa forma subvertidas pelos espectadores nas arquibancadas e espaços ao redor do estádio. Na busca por uma melhor visão do campo de jogo, torcedores escalavam espaços da estrutura que não foram planejados para serem ocupados ou se concentravam no alambrado à beira do gramado. Aqueles sem ingressos ocupavam os morros ao redor, subiam em árvores ou tentavam espiar por entre as grades na tentativa de acompanhar a partida. As explosões de alegria após um gol, por sua própria natureza, causavam

69 Ibid. p. 139.

70 FARKAS, Thomaz. Pacaembu. DBA Dórea Books and Art, São Paulo, 2008, p. 3

Acima: Além das arquibancadas lotadas, em dias de grandes partidas torcedores ocupavam também as áreas elevadas ao redor do Pacaembu na tentativa de acompanhar o jogo. Fotografia de Thomaz Farkas. Acervo Instituto Moreira Sales.

Ao lado: Os torcedores utilizavam todos os espaços do estádio para acompanhar as partidas. Fotografia de Thomaz Farkas. Acervo Instituto Moreira Sales.

Acima: Crianças do lado de fora do Pacaembu brincando de futebol. Fotografia de Thomaz Farkas. Acervo Instituto Moreira Sales.

Abaixo: Crianças sem ingressos espiando por entre as grades na tentativa de acompanhar o que acontecia no interior do Pacaembu. Fotografia de Thomaz Farkas. Acervo Instituto Moreira Sales.

Página seguinte: Pacaembu lotado durante partida de futebol. Os torcedores não se restringiam às arquibancadas e ocupavam todos os espaços do estádio em busca de uma melhor visão. Fotografia de Thomaz Farkas. Acervo Instituto Moreira Sales.

Ao lado, acima: Torcedores em cima de árvores acompanhando jogo no Pacaembu. Fotografia de Thomaz Farkas. Acervo Instituto Moreira Sales.

Ao lado, abaixo: Jornais queimados nas arquibancadas após celebração dos torcedores. Fotografia de Thomaz Farkas. Acervo Instituto Moreira Sales.

Acima: Torcida uniformizada do Corinthians durante partida no Pacaembu. Fotografia de Thomaz Farkas. Acervo Instituto Moreira Sales.

euforia nos torcedores que saltavam, gritavam e se abraçavam, em nada se assemelhando à “sobriedade” e “ordem” que os discursos do Estado Novo buscaram imprimir àquele espaço na cerimônia de abertura. Uma prática comum ao final de algumas partidas era a queima de jornais que se transformavam em sinalizadores nas mãos dos torcedores iluminando as arquibancadas do Estádio Municipal.

No ano de 1945, dois eventos fora do campo esportivo também atraíram grandes multidões ao Estádio Municipal. Em 15 de julho, o Pacaembu recebeu o comício “São Paulo a Luiz Carlos Prestes” em homenagem ao líder do Partido Comunista Brasileiro que discursava em público pela segunda vez após nove anos como preso político pelo regime de Vargas. Prestes recebera a anistia em abril daquele mesmo ano e realizou um primeiro comício em maio no Estádio São Januário, no Rio de Janeiro. De acordo com a reportagem publicada pela *Folha da Manhã*, a praça de esportes “ficou inteiramente lotada, tendo considerável multidão ocupado as arquibancadas, as gerais e todos os lugares disponíveis fora do gramado principal”⁷¹ para acompanhar os desfiles das delegações operárias da capital paulista, do interior do estado e do Rio de Janeiro. O primeiro discurso foi realizado pelo General Miguel Costa, participante da Coluna Prestes durante a década de 1920, no qual afirmou que “só se recusarão a trocar ideias com Prestes os que, obstinadamente, forem contra o Brasil democrático, onde todas as ideias, como todos os rios, devem ter curso livre”⁷². O General ressaltou também que Prestes obtivera o direito de falar e de opinar sobre os destinos do país “por um preço tão alto de sacrifícios pessoais, que eu não sei de ninguém mais, no Brasil, que o tenha pago tão caro”⁷³. O escritor Monteiro Lobato não pode comparecer ao comício por motivos de saúde, mas enviou uma saudação ao líder do PCB gravada em disco que foi reproduzida no estádio. Por fim o poeta e senador pelo Partido Comunista do Chile Pablo Neruda também saudou Luiz Carlos Prestes em nome dos trabalhadores chilenos e realizou a leitura de um poema escrito para a ocasião intitulado “Dito no Pacaembu”, no qual chamava Prestes de “capitão do povo”.

Peço hoje um grande silêncio de vulcões e rios.

71 Folha da Manhã, 17 de julho de 1945, p.20

72 Folha da Manhã, 17 de julho de 1947, p.20

73 Folha da Manhã, 17 de julho de 1945, p.20

Um grande silêncio peço de terras e varões.
Peço silêncio à América da neve ao pampa.
Silêncio: com a palavra o Capitão do Povo.
Silêncio: Que o Brasil falará por sua boca.⁷⁴

A cerimônia foi registrada em documentário produzido pelo Partido Comunista do Brasil e dirigido pelo cineasta Ruy Santos sob o título “Comício São Paulo a Luis Carlos Prestes”.

O segundo evento cívico que atraiu grande número de pessoas ao Estádio Municipal foi a recepção aos soldados paulistas da Força Expedicionária Brasileira que combateram na Itália durante a Segunda Guerra Mundial. No dia 31 de julho, os “pracinhas” foram recebidos pela população na Estação da Luz e conduzidos por uma comitiva até o Pacaembu, onde “desde as primeiras horas da tarde uma grande massa popular, distribuída pelas arquibancadas e gerais do Estádio Municipal, aguardava a chegada dos heróis da Força Expedicionária⁷⁵”.

O Pacaembu sediou seis partidas durante a Copa do Mundo de 1950, sendo o segundo estádio mais utilizado durante o torneio atrás apenas do Estádio do Maracanã no Rio de Janeiro, construído justamente para o Mundial, que recebeu oito jogos. Apesar do considerável número de jogos no Pacaembu, a seleção brasileira apresentou-se apenas uma vez na capital paulista durante o torneio, realizando todas as outras partidas no Rio de Janeiro. O confronto contra a Suíça, no Estádio do Pacaembu, foi marcado justamente pela rivalidade esportiva entre São Paulo e Rio de Janeiro que levou os torcedores locais a vaiarem a equipe brasileira e criticarem duramente o treinador Flávio Costa que, em sua visão, convocara muitos jogadores cariocas em detrimento dos paulistas. A insatisfação da torcida paulista refletiu-se também na imprensa, com destaque para a reportagem publicada pelo O Estado de S. Paulo no dia seguinte à partida com o título: “A comprovada incapacidade do técnico brasileiro compromete o prestígio do esporte nacional⁷⁶”. Segundo o jornal, as vaias dos paulistas não poderiam ser consideradas falta de patriotismo já que “não se pode exigir que a assistência se coloque incondicionalmente ao lado de um quadro que humilhou o nome do esporte nacional. O estímulo se faz necessário numa jornada de azar, num percalço, mas quando o conjunto

74 NERUDA, Pablo. Canto Geral. São Paulo: Círculo do Livro, p. 154

75 Folha da Manhã, 1 de agosto de 1945

76 O Estado de S. Paulo, 29 de junho de 1950, p.10

apresenta sempre os mesmos vícios, o técnico não se inclina à voz da razão, o apupo surge como uma consequência lógica⁷⁷”.

Após esse episódio, a seleção brasileira poucas vezes voltou a disputar partidas no Estádio Municipal em São Paulo. O principal palco para os jogos da seleção nacional era o Estádio do Maracanã. De 1950 a 1968, apenas treze jogos da equipe nacional foram realizados no Pacaembu. Com a inauguração completa do Estádio do Morumbi em 1970, os jogos da seleção brasileira em São Paulo passaram a ser realizados no novo estádio do São Paulo Futebol Clube. Somente em 2005 o Estádio Municipal voltaria a receber uma partida oficial da seleção brasileira. Os principais confrontos entre as equipes paulistas também se dirigiram ao Morumbi, por sua capacidade de público muito superior. Após uma década como o maior estádio esportivo da América Latina e símbolo da modernidade, o Pacaembu entrou nos anos 1950 ofuscado pelo Estádio do Maracanã que possuía dimensões ainda mais monumentais e uma linguagem arquitetônica mais moderna. Como será demonstrado no próximo capítulo, nesse momento surgem discursos na imprensa denunciando a obsolescência do Estádio Municipal. O início da construção do Estádio do Morumbi em 1952 também aponta para a ideia de que a cidade de São Paulo necessitava de um novo estádio que fosse capaz de suprir as necessidades da metrópole e a colocasse de novo no centro da modernidade.

77 O Estado de S. Paulo, 29 de junho de 1950, p.10

3

Obsolescência

Na tarde do dia 29 de dezembro de 1957, São Paulo e Corinthians encontravam-se no Estádio Municipal do Pacaembu para a disputa da última rodada do Campeonato Paulista. Os resultados até aquele momento deixaram ambas as equipes com chances de conquistar o título estadual com uma vitória no confronto final. Um empate deixaria os dois rivais da capital empatados em números de pontos com o Santos Futebol Clube, forçando a realização de um triangular final entre as três equipes para decidir o campeão. Além da rivalidade entre os dois clubes e a possibilidade da conquista do título, esse confronto entre São Paulo e Corinthians carregava ainda as tensões do último encontro entre as duas equipes. Na ocasião, o lateral corintiano Alfredo sofreu uma grave lesão na perna causada por um choque com o são-paulino Maurinho, provocando constantes discussões entre os jogadores durante a partida⁷⁸. Ciente da importância do confronto e da pressão que recairia sobre o árbitro, a Federação Paulista de Futebol optou pela realização de um sorteio no gramado do Pacaembu pouco antes do início do jogo para decidir quem conduziria a partida. Nenhum dos três árbitros selecionados para o sorteio era de São Paulo. Dois eram ingleses, Ronald Lynch e Bert Cross, e o terceiro era carioca, Alberto da Gama Malcher, que acabou vencendo o sorteio. A cada um foi paga a quantia de 25 mil cruzeiros, que somada aos gastos com o deslocamento, resultou na arbitragem “mais dispendiosa do futebol sul-americano⁷⁹”.

A partida foi vencida pelo São Paulo pelo placar de 3 a 1, porém a equipe tricolor não pode realizar uma volta olímpica de comemoração pois aquela tarde no Pacaembu acabou sendo marcada por distúrbios dentro de campo entre os jogadores,

78 GIACOMINI, C. Op. cit., 2005, p.108

79 Folha da Manhã, 31 de dezembro de 1957, Assuntos Gerais, p.11

agressões de torcedores aos atletas e à equipe de arbitragem e uma reação violenta da polícia contra os espectadores nas arquibancadas. Após o terceiro gol do São Paulo, o goleiro corinthiano Gilmar, ofendido por uma provocação feita pelo atacante são-paulino Maurinho, partiu para cima do adversário e a partida ficou paralisada por alguns minutos. Na confusão, o jogador Olavo do Corinthians chegou a agredir um dos árbitros da partida. Nas arquibancadas próximas ao juiz de linha, alguns torcedores do Corinthians passaram a arremessar garrafas em direção ao gramado. A polícia se dirigiu ao local para conter a torcida, mas a ação resultou em mais violência quando um grupo de policiais se juntou para agredir um torcedor caído nas arquibancadas. A violenta repressão policial foi duramente criticada pela imprensa nos dias seguintes ao “clássico das garrafadas”. Segundo a Folha da Noite, “imperaram o fanatismo e as violências policiais”⁸⁰. Na semana seguinte, o mesmo jornal publicou em sua seção de cartas à redação uma forte crítica à ação da polícia feita por um dos leitores.

Recebemos do sr. Edson Gonçalves de Carvalho residente nesta capital a carta de que transcrevemos o seguinte: ‘Dirijome aos senhores para externar minha revolta diante das atitudes tomadas por aqueles policiais que agrediram covardemente um torcedor, no Estádio Municipal do Pacaembu, domingo p.p. Os referidos policiais, encarregados de manter a ordem, conseguiram, isso sim, a desordem. Mesmo que o agredido fosse um perverso delinquente, não mereceria levar tantos golpes na cabeça, pontapés e mais barbaridades. Será que os covardes agressores não sabem que temos, no coração da cidade, majestoso Palácio da Justiça, e que é ali que se condenam, se punem e se absolvem os que transgridam a lei?’⁸¹

A venda de bebidas engarrafadas dentro dos estádios também passou a ser muito questionada na imprensa. De acordo com a coluna do jornalista J. Hamilton Ribeiro na Folha da Noite, um dos policiais presentes no Pacaembu culpava o delegado que “na porta, manda tirar das pessoas até mesmo o canivete ganho de ‘souvenir’ no aniversário, mas permite, aqui dentro, que reine

80 Folha da Noite, 30 de dezembro de 1957, p.4

81 Folha da Manhã, 5 de janeiro de 1958, Assuntos Gerais, p.8

essa orgia de garrafas”⁸². Na coluna Sete Dias Nos Esportes, da Folha da Manhã, também encontra-se a mesma reivindicação:

E seria importante também - mais do que necessário - acabar-se com a venda de bebidas engarrafadas nos recintos esportivos. Armar pessoas exaltadas não é mesmo um crime? Por que então a polícia, as autoridades, permitem que tal fato prossiga?⁸³

As cenas de violência presenciadas nas arquibancadas do Pacaembu levaram ainda à proibição da entrada de menores de 16 anos no Estádio Municipal para assistir a partidas de futebol⁸⁴. Tal medida apenas seria revogada após a publicação de uma portaria assinada pelo prefeito Adhemar de Barros regulamentando a venda de bebidas no Pacaembu, proibindo a comercialização de garrafas de vidro dentro do estádio⁸⁵. A percepção do Estádio Municipal como um espaço moderno e sublime para a realização de competições esportivas, como apresentado no capítulo anterior, passa a dar lugar a ideia do estádio de futebol como um espaço violento e perigoso.

As reformas das arquibancadas danificadas durante a partida entre São Paulo e Corinthians em dezembro de 1957 foram programadas para os primeiros dois meses de 1958, momento em que o estádio seria interditado para as obras anuais de manutenção realizadas antes do início da temporada esportiva. O resultado das obras, no entanto, foi duramente criticado pela imprensa. Em notícia publicada no dia 16 de fevereiro de 1958, o jornal Folha da Manhã afirmava: “O Pacaembu acabará caindo aos pedaços⁸⁶”. Ressaltando o fato de que o estádio gerava lucro para a Prefeitura, a reportagem lista os reparos considerados necessários para a manutenção do complexo e que não foram realizados:

- a) reforma de todo o encanamento do estádio (o dos vestiários, especialmente, está em muito mau estado); b) reforma

82 Folha da Noite, 30 de dezembro de 1957, 2º caderno, p.3

83 Folha da Manhã, 5 de janeiro de 1958, Assuntos Esportivos e Turísticos, p.2

84 Folha da Manhã, 28 de janeiro de 1958, Assuntos Gerais, p.8

85 Folha da Manhã, 23 de março de 1958, Assuntos Gerais, p. 8

86 Folha da Manhã, 16 de fevereiro de 1958, Assuntos Esportivos e Turísticos, p.2

do soalho do ginásio, que em 18 anos nunca sofreu sequer remendos: c) reforma das grades que circundam a pista do ginásio: d) reforma das portas de entrada do estádio: e) reforma do telhado do salão nobre : f) reforma das calhas dos vestiários do ginásio (mexeram nisso) g) pintura dos vestiários e dos corredores: h) reforma dos bebedouros (não existe um só em bom estado) : i) substituição de varias cantoneiras dos degraus das arquibancadas: j) reforma das dependências sanitárias da seção de tênis e da piscina: k) conclusão da colocação de ladrilhos nos vestiários das piscinas⁸⁷

Na semana seguinte o mesmo periódico voltou a questionar a falta de manutenção do estádio, sugerindo descaso e ineficiência na gestão do espaço que

vai-se pouco a pouco transformando em autentica tapera, a que não falta sequer a nota sombria da pintura completamente deteriorada. [...] Alega-se, como está na moda, a falta de verbas. Seria conveniente lembrar, diante dessa desculpa, que o Pacaembu rendeu líquidos para a Prefeitura de São Paulo seis milhões e setecentos mil cruzeiros em 1956 e, em 1957, oito milhões e setecentos mil cruzeiros. A boa fonte de dinheiro é digna, portanto, de tratamento mais adequado.⁸⁸

A imagem do Pacaembu como equipamento esportivo mais moderno do país passa a ser questionada enquanto dois outros estádios surgem para ameaçar seu posto como símbolo de modernidade. O primeiro foi o Estádio Jornalista Mário Filho, mais conhecido como Maracanã, construído na então capital federal do Rio de Janeiro para ser a principal sede da Copa do Mundo de 1950. Também uma obra municipal, a construção do Maracanã teve início em agosto de 1948, porém ainda não encontrava-se completamente pronto quando foi inaugurado em uma partida entre as seleções carioca e paulista de futebol poucos dias antes do início do Mundial. Mesmo inacabado, o estádio recebeu mais de 81 mil pessoas para a primeira partida da seleção brasileira no torneio contra o México. Tal público já superava o recorde de espectadores do Pacaembu de 72 mil pessoas, estabelecido em 1942 e vigente até hoje. Os números do Maracanã, no entanto, não pararam de crescer. Na parti-

87 Folha da Manhã, 16 de fevereiro de 1958, Assuntos Esportivos e Turísticos, p.2

88 Folha da Manhã, 21 de fevereiro de 1958, Assuntos Gerais, p.4

da seguinte da seleção no estádio “a maior plateia do mundo ovacionou a reabilitação do Brasil⁸⁹”, segundo o jornal Correio da Manhã do Rio de Janeiro. De acordo com a publicação, cerca de 200 mil pessoas compareceram ao Maracanã naquele dia 1º de julho de 1950, estabelecendo um recorde mundial de público até então. O público oficial apresentado pelos dados da FIFA, no entanto, aponta que foram 142.429 espectadores, o que não seria o recorde para uma partida de futebol. Em 17 de abril de 1937, o Estádio Hampden Park, em Glasgow, na Escócia, recebeu 149.547 pagantes em uma partida entre a seleção da casa e a Inglaterra. Esse número seria superado no jogo entre Brasil e Espanha, pela própria Copa do Mundo de 1950, que contou com 152.772 espectadores, segundo os dados divulgados pela FIFA. O recorde definitivo viria na partida final do torneio entre Brasil e Uruguai com um público pagante de 173.850 pessoas. No entanto, as estimativas contabilizando torcedores que tenham entrado no estádio sem ingressos apontam que por volta de 200 mil espectadores acompanharam a famosa vitória uruguaia na decisão.

Além de públicos mais numerosos do que os vistos no Pacaembu, o Maracanã apresentava também uma linguagem arquitetônica muito distinta. Sua grande marquise de concreto sobre toda a extensão das arquibancadas, por exemplo, era um símbolo da arquitetura moderna que tomara o lugar do Art Deco observado no Pacaembu como representação da modernidade.

O segundo impacto na imagem do Pacaembu como grande palco esportivo do país foi a construção do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, o Morumbi, pelo São Paulo Futebol Clube. A diretoria do clube deu início ao plano de erguer um estádio privado em 1952. A região escolhida para a construção do estádio foi o recém-loteado bairro Jardim Leonor, na zona oeste da cidade. O terreno, de propriedade da Imobiliária e Construtora Aricanduva S.A. de Adhemar Pereira de Barros, governador do estado de São Paulo entre 1947 e 1951 e novamente entre 1963 e 1966, foi doado ao clube no período inicial de desenvolvimento urbano do bairro⁹⁰. O novo estádio seria o grande atrativo

89 Correio da Manhã, 2 de julho de 1950, 2º Caderno, p.1

90 Escritura pública de doação: “SAIBAM quantos esta pública escritura de doação virem que no ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo mil novecentos e cinquenta e dois, aos quatro (4) dias do mês de agosto, nesta cidade de São Paulo [...] de um lado como outorgante doadora a IMOBILIÁRIA E CONSTRUTORA ARICANDUVA S. A. [...] de outro lado como outorgado

do “aristocrático bairro Jardim Leonor”, com uma “localização maravilhosa, onde pontifica a fidalguia de uma vizinhança seleta”, como declarava um anúncio veiculado pela Imobiliária Aricanduva no jornal Folha da Manhã em novembro de 1952⁹¹.

A propaganda ainda comparava o efeito que o estádio teria em relação ao novo bairro com o processo de urbanização do Pacaembu nas décadas anteriores:

Calcule quanto valerá um terreno no Jardim Leonor daqui a um ou dois anos! Tal como ocorreu com o bairro do Pacaembu, quando ali foi construído o estádio municipal, os terrenos do Jardim Leonor, em maior escala, terão a sua valorização multiplicada, por muitas e muitas vezes⁹².

A ilustração retratada no anúncio, no entanto, não corresponde ao estádio que seria construído a partir do ano seguinte. Trata-se do projeto elaborado pela empresa soviética Antonov & Zolnerkevic, um dos três escritórios que apresentaram propostas para a diretoria do São Paulo Futebol Clube. Além dos soviéticos, também enviaram projetos a firma de Gilberto Junqueira Caldas e o escritório de João Vilanova Artigas. Na época da publicação da peça publicitária a diretoria do clube ainda não havia selecionado o projeto vencedor e a proposta de Antonov & Zolnerkevic que previa uma cobertura retrátil de vidro ilustrava o que se esperava do futuro estádio. Porém, em março de 1953 o São Paulo escolheu o projeto proposto por Artigas, um exemplo da arquitetura brutalista paulista. Entre os motivos que levaram

donatário o SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE [...] e, finalmente, como interveniente, a PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO [...] de fato doado tem, a área acima nesta, objeto da presente, de 99.873,00 mts 2., ao outorgado donatário São Paulo Futebol Clube”, Antonio A. Firmo da Silva, Tabelião sucessor do Quarto Tabelião de Notas de São Paulo, livro 632, folhas 50-52vº, 4 de agosto de 1952, São Paulo.

91 Folha da Manhã, São Paulo, 30 de novembro de 1952. Vida Social e Doméstica, p. 17

92 Ibid. O anúncio ainda diz: “Esta é uma relevante contribuição ao progresso e ao embelezamento urbanístico da metrópole... Concretizadas as negociações com o São Paulo Futebol Clube, para a construção do maior estádio da Cidade, a Imobiliária e Construtora Aricanduva lança agora a GLEBA ‘B’ do JARDIM LEONOR, situado nos altos do Jockey Clube. [...] A aquisição de um lote de terreno no aristocrático bairro Jardim Leonor é excelente sob todos os aspectos: localização maravilhosa, onde pontifica a fidalguia de uma vizinhança seleta... panoramas encantadores da parte mais atrativa da moderna metrópole... Tranquilidade... Bem –estar... Distinção! Tendo isso ao seu alcance, para a concretização do mais alto e justo anseio: a felicidade de sua Família!”.

LANÇAMENTO QUE ORGULHA S. PAULO...

GLEBA "B" no

Jardim Leonor

- o bairro que fica nos altos do Jockey Clube

ARISTOCRÁTICA MOLDURA

DO MAIOR ESTÁDIO

A SER CONSTRUÍDO

NA CIDADE!

ANIL PROJEITO DO ESTÁDIO DO SÃO PAULO F. C.
ENGENHEIRO: ARTONOV ZOHNEBREVIC

Esta é uma relevante contribuição ao progresso e ao embellezamento urbanístico da metrópole... Concretizadas as negociações com o São Paulo Futebol Clube, para a construção do maior estádio da Cidade, a Imobiliária e Construtora Aricanduva lança agora a GLEBA "B" do JARDIM LEONOR, situado nos altos do Jockey Clube. Calcule quanto valerá um terreno no Jardim Leonor daqui a um ou dois anos! Tal como ocorreu com o bairro do Pacaembu, quando ali foi construído o estádio municipal, os terrenos do Jardim Leonor, em maior escala, terão a sua valorização multiplicada, por muitas e muitas vezes... A aquisição de um lote de terreno no aristocrático bairro Jardim Leonor é excelente sob todos os aspectos: localização maravilhosa, onde pontifica a fidalguia de uma vizinhança selecta... panoramas encantadores da parte mais atrativa da moderna metrópole... Tranquilidade... Bem-estar... Distinção! Tudo isso ao seu alcance, para a concretização do mais alto e justo anseio: a felicidade de sua Família!

da Rua Augusta
em uma só rua
até Cidade Jardim e lá
nos altos do Jockey Clube
encontrará o Jardim Leonor

CONDIÇÕES EXCEPCIONAIS DE LANÇAMENTO:

TERRENOS A PARTIR DE **Cr\$ 15.000,00** DE ENTRADA

E PRESTAÇÕES DE **Cr\$ 1.139,00** MENSAIS

uma realização da **Imobiliária e Construtora ARICANDUVA S. A.**

Av. Ipiranga, 1238 - Fone: 34-6315

a diretoria são-paulina a optar pelo projeto de Artigas estavam a capacidade de público prevista de 120 mil espectadores, o dobro do projeto soviético, e a crença à época que a manutenção da estrutura de concreto armado seria mais fácil e menos custosa. Assim como o Estádio do Maracanã, o Morumbi possuía não apenas uma capacidade de público superior ao Pacaembu, mas também era um grande expoente da escola paulista de arquitetura que se consolidara como a representação desejada para uma grande metrópole como São Paulo que buscava se afirmar como vanguarda no cenário internacional.

A construção do Estádio do Morumbi teve início em 1953, mas a inauguração oficial ocorreu apenas em outubro de 1960, e somente de forma parcial. Durante esse período, a perspectiva de um novo e grandioso estádio para a capital paulista exercia fascínio na opinião pública que ansiava por um palco mais moderno e que atendesse as necessidades do futebol da metrópole. Em setembro de 1959, pouco mais de um ano após a proibição da venda de garrafas de vidro no Pacaembu, a coluna Sete Dias Nos Esportes da Folha da Manhã voltou a relatar a circulação de bebidas engarrafadas no Pacaembu “representando o perigo de sempre⁹³” e a falta de fiscalização da administração municipal do estádio referente à questão. No mesmo espaço, ainda afirma-se a inadequação do Estádio Municipal para os grandes jogos e a necessidade de união em torno do projeto do São Paulo Futebol Clube.

A cada clássico que se realiza chega-se mais a conclusão de que o estádio do Morumbi está fazendo muita falta. Torna-se cada vez mais impraticável a ida ao Pacaembu em dia de grandes jogos. Com o Morumbi não concluído, todos estão perdendo; os clubes, maiores movimentos financeiros; o público, melhores condições de espectador. Os mais diretos interessados, clubes e federação, deveriam unir-se ao tricolor e colaborar na conclusão das obras do ‘Gigante do Morumbi’.⁹⁴

Nesse período os clubes de São Paulo também passaram a exercer pressão em relação ao preço dos ingressos cobrados para os jogos no Estádio Municipal. A administração municí-

93 Folha da Manhã, 13 de setembro de 1959, Assuntos Esportivos e Turísticos, p.2

94 Folha da Manhã, 13 de setembro de 1959, Assuntos Esportivos e Turísticos, p.2

pal do prefeito Adhemar de Barros fixara o preço das entradas para as partidas no Pacaembu, porém os clubes reivindicavam um aumento no valor para que eles fossem equivalentes aos cobrados nas demais praças esportivas. Por exemplo, para o Campeonato Paulista de 1959, o preço dos ingressos para as gerais no Estádio Municipal estava determinado em 30 cruzeiros, enquanto nos demais estádios da cidade era cobrada a quantia de 50 cruzeiros⁹⁵. São Paulo e Corinthians manifestaram o interesse em não realizar suas partidas no Pacaembu. A equipe do Morumbi, “que como outros clubes já está chegando à conclusão de que atualmente não é interessante ‘mandar’ jogos no Pacaembu, não só em razão das taxas cobradas pela Municipalidade, como também pelo fato de o prefeito não ter permitido o aumento dos preços de ingressos naquela praça de esportes⁹⁶”, buscou a liberação por parte da Federação Paulista de Futebol para a utilização do seu novo estádio e cogitou a possibilidade de jogar no Parque Antártica ou no Estádio da Rua Javari. Já o Corinthians anunciou que disputaria apenas os clássicos contra outros grandes clubes no Pacaembu e as demais partidas seriam realizadas em seu estádio, o Parque São Jorge, pois a renda proporcionada pelas partidas menores era considerada insuficiente⁹⁷.

Apesar das ameaças, ambos acabaram por realizar suas partidas como mandantes restantes no ano no Estádio do Pacaembu, mesmo sem o aumento no preço das entradas. Fica claro, no entanto, que o espaço que na década anterior havia permitido aos clubes da capital um aumento considerável de sua renda a partir do crescente número de espectadores passara a ser encarado como um obstáculo financeiro. A manutenção de uma parcela dos ingressos a preços populares poderia ser de interesse da administração municipal como forma de oferecer um serviço de entretenimento em um equipamento público a um valor acessível. Porém a lógica na qual os clubes profissionais operam dentro de um cenário no qual o futebol envolve receitas cada vez maiores é outra. A necessidade de gerar capital para manter o ciclo de investimentos na equipe e na infraestrutura, além de atender as pressões por lucros, faz com o interesse dos clubes seja o de cobrar o maior valor possível pelos ingressos, sua principal fonte de renda naquele momento. Nos estádios

95 Folha da Manhã, 1 de agosto de 1959, Assuntos Diversos, p.8

96 Folha da Manhã, 1 de agosto de 1959, Assuntos Diversos, p.8

97 Folha da Manhã, 6 de outubro de 1959, 2º Caderno, p. 6

privados essa prática era possível, porém o Pacaembu ainda era o maior palco esportivo da cidade e sua capacidade de público era inigualável, portanto as pressões do clube sobre a Prefeitura continuaram. Setores da imprensa esportiva também participaram desse movimento, como demonstra a crônica publicada pela Folha de S. Paulo em março de 1962 comparando as rendas atingidas no Brasil com a de estádios europeus, apontando os baixos preços cobrados no país.

O futebol continua sendo barato no Brasil. Longe de nós levantar uma questão que, resolvida de acordo com o que deveria ser, acabaria por prejudicar nosso público espectador... Mas que é evidente a situação de inferioridade financeira do nosso futebol nem se discute. Tivemos agora mais um exemplo. Em Parc des Princes, Paris, 40 mil pessoas presentes ao jogo Real Madri vs. Juventus proporcionaram arrecadação de 26 milhões de cruzeiros. Para registrarmos uma renda pouco inferior a esta, no Maracanã no jogo Real vs. Vasco, foi preciso levar ao grande estádio mais de 100.000 pessoas. Resultado: estamos privados de ver bom futebol internacional. Em primeiro lugar, porque apenas o Real Madri levaria mesmo mais de 100.000 pessoas a Maracanã ou Morumbi. Em segundo lugar, porque as quotas exigidas pelos clubes estrangeiros são altas e transformam-se em gigantescas com a desvalorização do cruzeiro. Talvez a grande solução seria estabelecer taxas especiais para jogos internacionais⁹⁸.

A crônica faz comparações também com os preços cobrados em esportes como o boxe.

Quando lembramos que para ver a luta Éder Jofre vs. Caldwell houve gente que pagou 6.000, 3.000 cruzeiros com a maior boa vontade, não podemos deixar de associar ideias e concluir que haveria público também para futebol caro. Afinal, quem vai ao boxe e paga tantos mil cruzeiros por uma luta, corre inclusive o risco de que a mesma dure poucos minutos. No futebol, a garantia é de 90 minutos... Assim, para que em São Paulo pudesse haver jogos internacionais, a única solução seria estabelecer preços à altura. 30 mil pessoas no Pacaembu (pouco mais da metade da lotação) com um preço de 2.000 cruzeiros para as numeradas cobertas, 1.500 para as descobertas e 500 cruzeiros para as gerais poderiam fornecer renda de 35 milhões de cruzeiros facilmente. Lotado, então. Acabariamos,

98 Folha de S. Paulo, 7 de março de 1962, 1º Caderno, p. 7

assim, com essa situação ridícula em que nos encontramos: o país campeão do mundo não pode promover jogos internacionais em seus estádios porque não está em condições de pagar os melhores quadros estrangeiros...⁹⁹

Por fim, o texto faz referência justamente ao debate entre o espaço público e o privado, ressaltando que o Estádio do Morumbi representaria uma opção viável para tais jogos por estar livre de determinações provenientes do poder municipal.

Dispondo, como dispomos agora, do Morumbi, estádio particular e livre de injunções de autoridades, cremos que chegou a hora de uma revisão. Não podemos crer, por mais que tentem convencer-nos, que não há público em São Paulo para grandes jogos internacionais a preços altos. Mesmo porque, se fosse verdade, seria vergonhoso.¹⁰⁰

Nota-se também a ideia de que receber jogos internacionais com ingressos a preços altos representa motivo de orgulho para São Paulo que poderia se equiparar às cidades europeias. Segundo os argumentos apresentados na crônica isso só seria possível, no entanto, a partir de um empreendimento privado ou de uma concessão feita pelo poder público aos interesses particulares.

A questão do preço das entradas para o Pacaembu continuaria a ter papel determinante na rotina do futebol paulista. Em 1962, Santos Futebol Clube e Club Atlético Peñarol do Uruguai foram os finalistas da Copa dos Campeões da América. O torneio continental, atualmente conhecido como Copa Libertadores da América, foi decidido por três confrontos entre as duas equipes. O Santos venceu a primeira partida disputada em Montevideu, mas foi derrotado no segundo jogo realizado no Estádio Urbano Caldeira, a Vila Belmiro, em Santos. Um terceiro jogo desempate foi disputado em campo neutro, em Buenos Aires, e vencido pela equipe brasileira. A vitória no torneio continental deu também ao alvinegro santista, liderado por Pelé e nesse momento já reconhecida como uma das melhores equipes do planeta, a chance de disputar a Copa Intercontinental de Clubes contra o campeão europeu Sport Lisboa e Benfica.

99 Folha de S. Paulo, 7 de março de 1962, 1º Caderno, p. 7

100 Folha de S. Paulo, 7 de março de 1962, 1º Caderno, p. 7

Disputado em formato de dois jogos, a primeira partida da decisão foi marcada para ser realizada no Brasil. Apesar de ter recebido o confronto pelo torneio continental, a Vila Belmiro foi descartada como sede por sua baixa capacidade de público. O Pacaembu apresentava-se como opção já que comportaria um número maior de espectadores e a equipe santista estava acostumada a jogar no Estádio Municipal. Segundo a imprensa esportiva, a realização da partida entre Santos e Benfica em São Paulo dependia do prefeito Prestes Maia.

De acordo com informações prestadas à reportagem da FOLHA DE S. PAULO pelo sr. Mendonça Falcão, que é quem está encarregado das negociações para a efetivação dos prélios entre o Santos e o Benfica, em disputa do título mundial de clubes campeões, depende do prefeito da capital paulista a realização do primeiro jogo entre aquelas agremiações em São Paulo. ‘Se o senhor prefeito autorizar o aumento dos preços dos ingressos no Pacaembu, o jogo será efetuado nessa praça de esportes. Caso contrário, será disputado no Maracanã’. ‘Acabo de ter uma conversação telefônica com o sr. João Havelange e ele me esclareceu ter proposto a realização do jogo no Maracanã, apenas tendo em vista o aspecto financeiro da questão.’ Perguntamos sobre a possibilidade de realização do encontro no Morumbi, o sr. Falcão disse: ‘O São Paulo não inaugurou ainda a iluminação do Morumbi e não acha interessante realizar esse jogo à tarde, num dia de semana. A escolha está entre o Pacaembu e o Maracanã’.¹⁰¹

O aumento não foi autorizado e a partida foi realizada no Maracanã, com um público de 85.459 pessoas e renda recorde nacional de 31.205.110,00 cruzeiros¹⁰². A perda do que poderia ser o jogo de maior relevância internacional a ser disputado em São Paulo naquele ano foi recebida amargamente na crônica esportiva paulistana.

O Maracanã acabou vencendo. Gigante como é não podia mesmo perder. O único perdedor, lamentavelmente, é São Paulo. O assunto é ingrato e melindroso. Todas as teses (Vila Belmiro, Pacaembu, Morumbi e Maracanã) apresentam argumentos favoráveis e contrários dos mais ponderáveis. O caso está resolvido e não iremos falar de corda em casa de enforca-

101 Folha de S. Paulo, 4 de setembro de 1962, 1º Caderno, p.12

102 Folha de S. Paulo, 20 de setembro de 1962, 1º Caderno, p.12

do. Mas será que São Paulo, este colosso, o primus inter pares, não consegue dar um jeitinho? Uma ampliação do Pacaembu, uma saída qualquer, desde que seja ‘à la paulista’?¹⁰³

Somente em dezembro de 1962 o então Prefeito Prestes Maia autorizou o aumento no preço dos ingressos para os jogos realizados no Estádio Municipal¹⁰⁴. Tal autorização veio após uma reunião na qual Laudo Natel, vice-governador eleito do Estado de São Paulo e presidente do São Paulo Futebol Clube, solicitou ao Prefeito Prestes Maia a “apreciação urgente do pedido feito pela Federação Paulista de Futebol, relativo à majoração nos preços dos ingressos do Estádio Municipal do Pacaembu para as partidas de futebol entre profissionais”¹⁰⁵.

Observa-se, portanto, que assim como ocorrera durante a década de 1940 sob o regime do Estado Novo, as esferas esportiva e política na capital paulista continuavam profundamente interligadas em suas relações de poder. Dessa vez, porém, em vez de ter como objetivo a regulamentação da sociedade civil sob a tutela do Estado centralizador, a lógica dessa relação direcionava-se a favor do capital privado. A campanha eleitoral de Laudo Natel chegou a utilizar extensamente a construção do Estádio do Morumbi como propaganda política na criação de uma imagem do candidato como um grande empreendedor privado e gestor eficiente.

Laudo Natel – Comandante da campanha pela construção do ‘Colosso do Morumbi’. Laudo Natel realizou mais, em sua vida particular, pela coletividade e por São Paulo, do que muita administração pública...¹⁰⁶

Novamente encontra-se um discurso valorizador da iniciativa privada em detrimento da administração pública, considerada ineficaz e ultrapassada. Completando esse cenário, setores da grande crônica esportiva paulista que, como já demonstrado, foram responsáveis pela publicação de artigos alimentando a expectativa pela construção do Morumbi e criticando a situação do Pacaembu, também manifestaram apoio oficial à candida-

103 Folha de S. Paulo, 14 de setembro de 1962, 1º Caderno, p. 12

104 Folha de S. Paulo, 4 de dezembro de 1962, 1º Caderno, p. 10

105 Folha de S. Paulo, 28 de novembro de 1962, 1º Caderno, p. 9

106 Folha de S. Paulo, 21 de junho de 1962, 1º Caderno, p. 10

tura reunidos no Comitê dos Cronistas Esportivos Pró- Laudo Natel.

Os cronistas esportivos abaixo assinados tornam público seu jubilo pela candidatura do sr. Laudo Natel ao cargo de vice-governador do Estado de São Paulo. Ao fazê-lo, manifestam também irrestrito e integral apoio a essa candidatura que, melhor do que ninguém, pode realmente enaltecer e honrar o posto que disputará nas eleições de outubro. Identificaram-no através de um convívio em horas de vitórias e de jubilo, de reveses e incertezas. Identificaram-no através de manifestações do seu trabalho, de sua capacidade, da sua compreensão, da sua tolerância e da sua probidade em momentos mais espontâneos e sinceros, quando a alma e as virtudes do homem se apresentam em sua plenitude. Não se trata, portanto, de um apoio consagrado pelo arrebatamento. Foi imposto como dever cívico, por aquilo que Laudo Natel é realmente, e pela sua extraordinária capacidade de realização. Por serem testemunhas vigilantes e cotidianas da vida, das atividades e dos propósitos desse candidato e é que os cronistas esportivos do Estado de São Paulo sentiram como dever indeclinável a necessidade de se colocarem ao lado de Laudo Natel, que só poderá honrar o Estado de São Paulo e constituir-se num exemplo para o Brasil no campo dos esportes e no das atividades que constituem todo o organismo da vida estadual e nacional.¹⁰⁷

Em 1969, momento em que o país encontrava-se sob o regime da ditadura militar, uma última intervenção foi realizada no Estádio Municipal visando o aumento da capacidade de espectadores, em uma tentativa de equipará-lo aos demais grandes estádios que surgiam em outras cidade brasileiras¹⁰⁸. Em setembro daquele ano, durante a gestão de Paulo Maluf, membro da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e nomeado prefeito da capital paulista por indicação do presidente Artur da Costa e Silva, a concha acústica do Pacaembu foi demolida para a construção de um novo lance de arquibancada. A construção desse novo setor aumentaria em 18 mil pessoas a capacidade de público do estádio, que naquele momento era de 60 mil. É interes-

107 Folha de S. Paulo, 27 de abril de 1962, 1º Caderno, p. 14

108 Além dos Estádios do Maracanã e do Morumbi, foram construídos durante a década de 1960 o Estádio Governador Magalhães Pinto, o Mineirão em Belo Horizonte, o Estádio Governador Plácido Castelo, o Castelão em Fortaleza, e o Estádio José Pinheiro Borda, o Beira-Rio em Porto Alegre. Todos com capacidade superior a 100 mil espectadores.

Demolição da Concha Acústica do Pacaembu, setembro de 1969. Acervo Folha de S. Paulo.

sante notar que apesar do aumento na capacidade de público, o recorde de espectadores do Pacaembu continuou sendo da partida entre São Paulo e Corinthians realizada em 1942 que levou 72.018 pessoas ao estádio.

O processo da demolição da concha acústica é revelador também do período autoritário vigente no país tendo sido realizado sem qualquer tipo de consulta pública ou debate envolvendo a sociedade civil. Com a retirada da concha acústica, a estátua de David que figurava ao lado da construção foi inicialmente transferida para o centro da Praça Charles Miller, na entrada do Estádio do Pacaembu. Lá ela permaneceu até 1974 quando foi transferida para o Centro Educativo, Recreativo e Esportivo do Trabalhador no bairro do Tatuapé.

O novo setor de arquibancada passou a ser conhecido popularmente como Tobogã, devido a sua grande inclinação. No dia seguinte à demolição, o jornal Folha de S. Paulo noticiava o fato dando destaque para o aumento da capacidade de público e afirmando que a concha acústica havia se tornado “simplesmente decorativa”. Ainda segundo o periódico, “a concha acústica pouca função prática representou dentro do estádio do Pacaembu”¹⁰⁹. Podemos observar, portanto, que o discurso não valorizava mais os mesmos aspectos do momento da construção do Estádio Municipal. A concha acústica deixara de ser um elemento que compunha os ideais de construção de novos cidadãos por meio do esporte e da cultura e tornara-se um empecilho para a cidade que demandava capacidades de público cada vez maiores.

O aumento da capacidade de público, no entanto, não foi o suficiente e a partir de 1970 quando o Morumbi foi concluído o estádio do São Paulo Futebol Clube tornou-se o principal palco para os grandes jogos e decisões realizados na cidade. De 1970 a 2000, o Morumbi recebeu pelo menos uma das partidas das decisões de 22 edições do Campeonato Paulista, mesmo as que não envolviam o São Paulo, proprietário do estádio. Em apenas duas ocasiões nenhuma das partidas decisivas foi disputada no Morumbi: em 1990, quando Novorizontino e Bragantino se enfrentaram em Novo Horizonte e Bragança Paulista, e 1995, quando Palmeiras e Corinthians fizeram os dois jogos decisivos em Ribeirão Preto. Nos anos restantes o campeonato teve o formato de disputa por pontos corridos e não houve um jogo

109 Folha de S. Paulo, 7 de setembro de 1969. 2º caderno, p.31

decisivo.

Assim como o próprio processo de construção do Pacaembu e sua consolidação como grande símbolo da modernidade durante a década de 1940, o discurso a respeito de sua obsolescência também é resultado de uma conjunção de interesses de grupos políticos e sociais que atuaram como emissores dessa ideia. Nesse capítulo buscou-se demonstrar como a desqualificação dos espaços públicos por parte da elite paulistana a partir das décadas de 1950 e 1960 refletiu-se no Estádio Municipal, que passou então a ser visto como ultrapassado e ineficaz. Ao mesmo tempo, a ideia da iniciativa privada como uma gestão mais eficiente, defendida por essa mesma elite, aponta para o empreendimento do São Paulo Futebol Clube no Morumbi, com sua linguagem arquitetônica característica da arquitetura moderna, como o caminho a ser tomado.

Considerações finais

O estudo da história do Estádio do Pacaembu, tratado nesta dissertação desde o momento de sua concepção como um equipamento esportivo inserido em um programa de política pública até sua substituição pelo Morumbi como grande palco do futebol paulista, é uma das formas de mostrar que as concepções do que era considerado moderno em São Paulo alteraram-se radicalmente em um curto espaço de tempo. Pouco mais de duas décadas após sua inauguração como uma das principais maravilhas urbanas em São Paulo, o Pacaembu era retratado na mídia como ultrapassado e incapaz de atender as necessidades de uma metrópole que crescia cada vez mais.

A pesquisa demonstrou que o Estádio Municipal é um espaço a partir do qual é possível compreender as transformações da própria cidade, relacionando essa dissertação, portanto, ao estudo da história do urbanismo de São Paulo. Desde o início o Pacaembu esteve inserido em uma complexa rede de interesses envolvendo agentes públicos e privados. Tanto sua valorização como símbolo da modernidade na década de 1940 quanto a sua desqualificação como obsoleto a partir da década de 1960 foram processos articulados de acordo com as concepções e projetos vigentes no momento.

Evidencia-se também a predominância do futebol profissional na narrativa histórica do Pacaembu, tomando o protagonismo do uso daquele espaço e consolidando-se como grande espetáculo de massas. A dissertação buscou explorar como a conjunção de interesses de clubes e federações com a atuação política de figuras públicas que mantiveram estreito contato com eles tiveram forte impacto estruturante na cidade. Compreender os interesses públicos e privados que existiam para a construção do Morumbi é essencial para entender o surgimento do discurso de obsolescência do Pacaembu na grande mídia paulista.

Por fim, reforça-se aqui que a dissertação não teve como objetivo simplesmente reproduzir a ideia de que o Estádio Municipal tenha se tornado obsoleto atualmente. Um dos propósitos dessa pesquisa é justamente recuperar a memória e a história do Pacaembu, compreendendo os discursos que estiveram por trás de sua construção e consequente substituição para que ele possa ser lido em conjunto com a cidade que o cerca. É essencial que esse grande patrimônio arquitetônico e cultural da cidade de São Paulo não seja lido apenas na chave da nostalgia de um passado que não condiz mais com a realidade atual, mas como equipamento capaz de atualizar-se como espaço público e esportivo.

Ainda que a dissertação não aborde diretamente os rumos atuais e futuros do Pacaembu, é de extrema importância neste momento que sua história seja compreendida e utilizada como reflexão para sua incidência na sociedade. O debate atual a respeito da concessão do Estádio Municipal à iniciativa privada por parte da Prefeitura de São Paulo passa pelas mesmas questões observadas já nas décadas de 1950 e 1960 da desqualificação do espaço público e do discurso de obsolescência do estádio. No entanto é necessário compreender que a obsolescência de fato e o discurso da obsolescência são dois elementos radicalmente diferentes. O discurso desqualificador do Pacaembu, como demonstrado na dissertação, relaciona-se diretamente a interesses específicos do capital privado que busca suprimir a importância daquele espaço como um patrimônio de São Paulo. O Pacaembu, no entanto, permanece ativo e relevante como um espaço público de grande importância para a cidade. Compreender sua história é compreender também a história de São Paulo.

Referências

Bibliografia geral

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. MetrÓpole e cultura: São Paulo no meio do século XX. Bauru: Edusc, 2001.

ATIQUE, Fernando. MemÓria de um projeto moderno: a idealização e a trajetÓria do Edifício Esther. São Carlos, Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2002.

DUARTE, Paulo. Mário de Andrade por ele mesmo. São Paulo: Hucitec, Prefeitura do Município de São Paulo, Secretária Municipal de Cultura, 1985.

FARKAS, Thomaz. Pacaembu. São Paulo: DBA DÓrea Books and Art, 2008

FERREIRA, João Fernando. A Construção do Pacaembu. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

GIACOMINI, Conrado. São Paulo - Dentre os Grandes, És o Primeiro. São Paulo: Ediouro, 2005.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. O prédio Martinelli: a ascensão do imigrante e a verticalização de São Paulo. São Paulo: Projeto, 1984.

LIMA, Magali Alondo de. Formas arquiteturais esportivas no Estado Novo (1937-1945): Suas implicações na plástica de corpos e espíritos. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1979.

NERUDA, Pablo. Canto Geral. São Paulo: Círculo do Livro.

PEIXOTO-MEHRTENS, Cristina. Urban Space and National Identity in Early Twentieth Century São Paulo, Brazil. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

QUEIROZ Felipe de. Os reis do Pacaembu – O time que imortalizou o São Paulo F.C. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

SOUZA, Denaldo Achorne de. O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947). São Paulo: Annablume, 2008.

WOLFF, Silvia Ferreira Santos. Jardim América: o primeiro bairro jardim de São Paulo e sua arquitetura. Teste (Doutorado) – FAUUSP, São Paulo, 1998.

Artigos em periódicos e revistas

ANDRADE, Almir de. “A evolução política e social do Brasil”, in: Revista Cultura Política, nº1 ano 1, março de 1941. Rio de Janeiro.

DEMARBRE, G. “A Obra Social de Educação Física” In: Educação Physica nº36, Rio de Janeiro: Cia Brasil Ed., 1939.

JUNIOR, Peregrino. “O Papel da Educação Física na Formação do Homem Moderno”, In: Educação Physica, nº 62-63, Rio de Janeiro: Cia. Brasil Ed., 1942.

MAIA, Ulisses Ramallete. “A situação atual do Estado Brasileiro – Vantagens da Constituição de 1937 em relação às anteriores”, in: Revista Cultura Política, nº1 ano 1, março de 1941, Rio de Janeiro.

MÜLLER, João Pedro. “À margem da democracia brasileira”, in: Revista Cultura Política, nº 9 ano 1, novembro de 1941, Rio de Janeiro.

REIS FILHO, Nestor Goulart, “Um Palco da Modernidade”,

in: Jornal da Tarde, 14 de fevereiro de 1990.

“O stadium paulista”. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 22 fev. 1919, p.6

“Superlotação”. A Gazeta, São Paulo, 15 mai. 1929, p.9

“Definitivamente afastada a possibilidade da realização da taça ‘Roca’ no estádio do Pacaembu”. Folha da Manhã, São Paulo, 12 jan. 1940, p.11

“Como será inaugurado o estádio do Pacaembu. Folha da Manhã”. São Paulo, 19 jan. 1940, p.10

“O embaixador da Alemanha retribuiu as homenagens do governo do estado”. Folha da Manhã, São Paulo, 21 jan. 1940

“Regressou ao Rio, pelo ‘Conte Grande’, o embaixador da Alemanha”, Folha da Manhã, São Paulo, 24 jan. 1940, p.5

“Serão suspensas pela diretoria de esportes as atividades esportivas na capital durante o período de 27 de abril a 5 de maio”. Folha da Manhã, São Paulo, 1 fev. 1940, p.9

“Definitivamente marcada para o dia 27 de abril p. v. a inauguração do Estádio Municipal”. Folha da Manhã, São Paulo, 16 fev. 1940, p.3

“Com excepcional programa esportivo será inaugurado o Estádio Municipal”. Folha da Manhã, São Paulo, 18 fev. 1940, p. 16

“Colaboração das entidades turísticas aos festejos inaugurais do Estádio Municipal”. Folha da Manhã, São Paulo, 28 fev. 1940, p.7

“A construção do Estádio”, O Estado de S. Paulo, São Paulo, Suplemento em Rotogravura, 1^a e 2^a quinzena abr. 1940

“Uma homenagem esportiva sem precedentes será prestada hoje ao sr. Adhemar de Barros”. Folha da Manhã, São Paulo, 27 abr. 1940, p.19

“Inaugurado o Estádio Municipal do Pacaembu”. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 28 abr. 1940, p.7

“Revestiu-se de raro brilho a inauguração oficial do Estádio Municipal”. Folha da Manhã, São Paulo, 28 abr. 1940, Primeira Seção, p. 1

“Realizado domingo à tarde no Pacaembu o comício ‘São Paulo a Luiz Carlos Prestes’”. Folha da Manhã, São Paulo, 17 jul. 1945, p.20

“O ‘pracinha’ volta ao lar”. Folha da Manhã, São Paulo, 1 ago. 1945, p.1

“A comprovada incapacidade do técnico brasileiro compromete o prestígio do esporte nacional”. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 29 jun. 1950, p.10

“No ‘clássico das garrafadas’ imperaram o fanatismo e as violências policiais”. Folha da Noite, São Paulo, 30 dez. 1957, p.4

“A arbitragem do prélio São Paulo vs. Corinthians foi a mais dispendiosa do futebol sul-americano”. Folha da Manhã, São Paulo. 31 dez. 1957, p. 11

“O Pacaembu acabará caindo aos pedaços”. Folha da Manhã, São Paulo, 16 fev. 1958, Assuntos Esportivos e Turísticos, p. 2
“Pacaembu: estádio ou tapera?”. Folha da Manhã, São Paulo, 21 fev. 1958, Assuntos gerais, p.4

“Revogada a medida que proibia entrada de menores de 16 anos em campos de futebol”. Folha da Manhã, São Paulo, 23 mar. 1958, p. 8

“A maior plateia do mundo ovacionou a reabilitação do Brasil”. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 2 jul. 1950, p.1

“O São Paulo pretende ‘mandar’ jogos do campeonato no Morumbi”. Folha da Manhã, São Paulo, 1 ago. 1959, Assuntos Diversos, p.8

“O Corinthians vai ‘mandar’ jogos no Parque São Jorge”. Folha

da Manhã, São Paulo, 6 out. 1959 2º caderno, p. 6

“A crônica esportiva apoia Laudo Natel”. Folha de S. Paulo, São Paulo, 27 abr. 1962, 1º caderno, p.14

“Santos vs. Benfica em SP: depende do prefeito”. Folha de S. Paulo, São Paulo, 4 set. 1962, p.12

“Difícil mas merecida vitória do Santos FC”. Folha de S. Paulo, São Paulo, 20 set. 1962, p.12

“Laudo esteve com Maia: ingressos”. Folha de S. Paulo, São Paulo, 28 nov. 1962, 1º caderno, p.9

“Foi demolida a concha acústica do Pacaembu”. Folha de S. Paulo, São Paulo, 7 set. 1969, 2º caderno, p. 31

Acervos consultados

Acervo Biblioteca FAUUSP

Acervo Digital Folha de S. Paulo

Acervo Digital O Estado de S. Paulo

Centro de Referência do Futebol Brasileiro – Museu do Futebol

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional